

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DAS HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**AMANDA MUSSATTO TOCHETTO**

**O COTIDIANO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA DA  
COVID-19: REFLEXÕES A PARTIR DE MÚLTIPLAS VOZES**

**CAXIAS DO SUL  
2021**

**AMANDA MUSSATTO TOCHETTO**

**O COTIDIANO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA DA  
COVID-19: REFLEXÕES A PARTIR DE MÚLTIPLAS VOZES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Pedagogia, da  
Universidade de Caxias do Sul, como requisito  
parcial para obtenção do grau de licenciada.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nilda Stecanela

**CAXIAS DO SUL  
2021**

**AMANDA MUSSATTO TOCHETTO**

**O COTIDIANO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA  
DA COVID-19: REFLEXÕES A PARTIR DE MÚLTIPLAS VOZES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada.

**Aprovada em**

**Banca examinadora**

---

Profª. Dra. Nilda Stecanela - orientadora  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Profª. Dra. Cristiane Backes Welter  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Profª Me. Bruna Helena Rech Rocha  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus pela oportunidade de iniciar minha vida acadêmica em uma profissão tão gratificante e também pela proteção durante a realização do curso.

Agradeço à minha família pelo incentivo e por compreender minhas faltas e os momentos de concentração, em especial à minha mãe, que nunca mediou esforços para que eu estudasse e tivesse minha formação, sem ela eu não estaria aqui.

Agradeço aos meus amigos: Daniela e Willian, por tornarem mais leve e divertido esse período; às minhas amigas Bruna e Isadora por sempre me apoiarem e incentivarem, independente de tudo, e pela ajuda que sempre foi prestada.

Às minhas primas Luzia e Débora, por também compreenderem minhas faltas e mesmo assim continuarem me apoiando, orientando e sendo meu ombro amigo e confidente.

Às minhas colegas de curso que se tornaram grandes amigas em minha vida: Letícia, Larissa, Thaís, Rosângela, Sibila, Gislaine: sem vocês minha caminhada acadêmica não teria sido tão produtiva e divertida, vocês tornavam as aulas melhores.

À minha orientadora Nilda Stecanela, obrigada pela paciência e preocupação ao decorrer das orientações, você me mostrou a educação com novos olhos que levarei para a vida toda, gratidão pela oportunidade de realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso com você me orientando.

Aos professores do curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul, o meu muito obrigado! Muitos foram os aprendizados e orientações para que eu pudesse ser uma boa profissional comprometida e responsável, me sinto grata pela oportunidade de ter tido aulas com cada um.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo geral compreender a realidade da Educação Infantil em meio a Pandemia da Covid-19 a partir da escuta de múltiplas vozes. O problema de pesquisa que mobilizou a busca de respostas teve a seguinte formulação: Como a Pandemia da Covid-19 modificou o cotidiano da docência, da aprendizagem e da organização familiar nas escolas de Educação Infantil? Os percursos para o desenvolvimento do projeto tiveram sustentação teórica de Rui Canário (2006); Terezinha Azerêdo Rios (2008); Dinara Pereira Machado (2020); Claudia Costin (2020); Bruna Paiva (2020); Patrícia Giuriatti (2018), Rochele Rita Andreazza Maciel (2019). O trabalho de campo foi construído a partir de dois questionários virtuais. O primeiro, voltado para professoras atuantes da Educação Infantil durante a Pandemia da Covid-19, obteve 10 participantes, totalizando 20 questões de natureza aberta e fechada. O segundo, por sua vez, foi direcionado aos pais de crianças matriculadas nas escolas de Educação Infantil, contou com 14 participantes, totalizando 17 questões abertas e fechadas. Com isso, obteve-se o resultado de que os professores tiveram desafios para realizar as aulas virtuais, tais como: falta de recursos; carga horária modificada; trabalho em casa; dificuldade para envolver a participação das crianças. No entanto, expressaram que sempre se mostraram dedicados e confiantes para realizar seu trabalho. As famílias sentiram dificuldades na mediação para a realização das aulas, devido aos seus filhos se dispersarem facilmente, mas reconheceram a importância da continuidade das aprendizagens. Também foi percebida a falta do contato presencial das crianças e das trocas de informações, bem como do contato diário entre professores e alunos. As aulas virtuais ganharam novos membros, os familiares das crianças, os quais exerceram o papel de mediadores no acesso às aulas e colaboraram com aprendizagem das crianças.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Pandemia da Covid-19; Aulas virtuais; Direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

## ABSTRACT

This Course Conclusion Work aimed to understand the reality of Early Childhood Education in the midst of the Covid-19 Pandemic by listening to multiple voices. The research problem that mobilized the search for answers was formulated as follows: How did the Covid-19 Pandemic change the daily life of teaching, learning and family organization in Kindergarten schools? The passages for the development of the project had had theoretical sustentation of Rui Canarian (2006); Terezinha Azerêdo Rios (2008); Dinara Pereira Machado (2020); Claude Costin (2020); Bruna Paiva (2020); Patrician Giuriatti (2018), Rochele Rita Andreazza Maciel (2019). The fieldwork was built from two virtual questionnaires. The first, aimed at teachers working in Early Childhood Education during the Covid-19 Pandemic, had 10 participants, totaling 20 open and closed questions. The second was aimed at parents of children enrolled in Kindergarten schools, had 14 participants, totaling 17 open and closed questions. With that, it was obtained the result that the teachers had challenges to carry out the virtual classes, such as: lack of resources; modified workload; I work at home; difficulty in involving children's participation. However, they had expressed that they kept on being dedicated and confident to carry on their work. The families had felt difficulties in the mediating the lessons, due to the fact thta their children got distracted easily, but they had recognized the importance of learning continuity. The lack of face-to-face contact between children and the exchange of information was also noticed, as well as the lack of daily contact between teachers and students. The virtual classes gained new members, the children's families, who played the role of mediators in accessing classes and collaborated with the children's learning.

**Key-words:** Early Childhood Education; Covid-19 Pandemic; Virtual classes; Learning and Development rights.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico da resposta à questão 1 do formulário direcionado aos professores.....	41
Figura 2– Gráfico da resposta à questão 3 do formulário direcionado aos professores.....	42
Figura 3 – Gráfico da resposta à questão 5 do formulário direcionado aos professores.....	43
Figura 4– Gráfico da resposta à questão 7 do formulário direcionado aos professores.....	44
Figura 5 – Gráfico da resposta à questão 9 do formulário direcionado aos professores.....	45
Figura 6 – Gráfico da resposta à questão 17 do formulário direcionado aos professores.....	49
Figura 7– Gráfico da resposta à questão 2 do formulário direcionado aos pais.....	53
Figura 8- Gráfico da resposta à questão 5 do formulário direcionado aos pais.....	54
Figura 9- Gráfico da resposta à questão 6 do formulário direcionado aos pais.....	55
Figura 10- Gráfico da resposta à questão 10 do formulário direcionado aos pais.....	58

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>O INÍCIO DE UMA JORNADA NA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA COMO UM DIREITO.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>A EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA E AS NOVAS COREOGRAFIAS SOCIAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>4.</b>	<b>CAMINHOS DA ESCUTA: AS MÚLTIPLAS VOZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA DA COVID-19.....</b>	<b>37</b>
<b>5</b>	<b>ECOS DA ESCUTA DAS MÚLTIPLAS VOZES: A EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA DA COVID-19.....</b>	<b>40</b>
<b>5.1</b>	<b>AS VOZES DAS PROFESSORAS .....</b>	<b>40</b>
<b>5.2</b>	<b>AS VOZES DOS FAMILIARES.....</b>	<b>53</b>
<b>6</b>	<b>O PONTO DE CHEGADA: CONCLUSÕES.....</b>	<b>63</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>
<b>8</b>	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>71</b>
<b>8.1</b>	<b>QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS FAMILIARES .....</b>	<b>71</b>
<b>8.2</b>	<b>QUESTIONÁRIO ENVIADO ÀS PROFESSORAS .....</b>	<b>75</b>

## 1 O INÍCIO DE UMA JORNADA NA EDUCAÇÃO

Inicialmente quero me apresentar, me chamo Amanda Mussatto Tochetto, tenho vinte e dois anos de idade, moro no município de Antônio Prado, estou matriculada no curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul desde 2016, trabalho com Educação Infantil há quatro anos, sou apaixonada pela educação e me sinto realizada nesta profissão.

Para situar a realização desta pesquisa, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul, é importante salientar alguns aspectos importantes para a decisão da escolha do objeto de estudo referente à docência na Educação Infantil no contexto da Pandemia da Covid-19.

A escola sempre foi um lugar em que me senti “em casa”, lembro com carinho da época da minha escolarização, iniciei com quatro anos no então chamado “Jardim A”, passei todas as etapas até à formatura do terceiro ano do Ensino Médio no mesmo local. Recordo de enfrentar inúmeros debates explicando para os colegas o porquê de a escola ser um bom lugar, já que eles não gostavam de frequentá-la.

Os professores possuem um papel fundamental no acolhimento das crianças na escola. Tive duas professoras que marcaram minha trajetória escolar, a minha primeira professora Malu e, também, a professora Wilmania, do primeiro ano do Ensino Fundamental, ambas interagiam com seus alunos demonstrando carinho e afetividade. Eram interessadas na aprendizagem das crianças, realizando aulas diferenciadas para a turma, envolvendo-os na descoberta de novas aprendizagens. Com esse relato, destaco a importância que um professor tem na vida escolar de um estudante, já que são lembrados após já se passarem muitos anos, seja de maneira positiva ou negativa.

Sendo assim, com boas referências de professoras e por gostar do ambiente escolar, sempre tive a certeza da profissão que gostaria de seguir, com isso iniciei minha graduação no curso de Pedagogia. Alguns meses após ingressar na Universidade, comecei meu primeiro emprego na área da educação, fui auxiliar de uma escola de Educação Infantil, foi neste momento que iniciou minha paixão pela docência neste nível de ensino. A partir dessas experiências construtivas em minha vida, referentes à educação, escolhi como objeto de estudo para este Trabalho de

Conclusão de Curso (TCC) a observação sobre “O cotidiano da docência na Educação Infantil no contexto da Pandemia da Covid-19: reflexões a partir de múltiplas vozes”. O intuito é analisar como a escola, os professores, as famílias e as crianças têm se adaptado a esse novo cenário, bem como mapear quais alternativas foram e estão sendo construídas para o enfrentamento dos desafios que emergiram no cenário da escola de Educação Infantil.

A justificativa dessa escolha se deu por ser ainda um assunto pouco discutido, já que é bastante recente e chegou sem aviso prévio, sendo necessárias inúmeras mudanças, tornando as aulas virtuais algo normal na vida escolar, até mesmo para os pequenos, ou seja, as crianças da Educação Infantil, pois o afastamento social impediu o contato presencial por vários meses.

Por ser algo que se tornou comum, considerei importante conhecer como aconteceu o processo de reinvenção de todos os envolvidos no ambiente escolar: os professores na criação de aulas; as crianças na aprendizagem por meios tecnológicos; e os pais que passaram a atuar como mediadores para auxiliar os estudantes na realização das atividades propostas. Com essa imersão, pretendo perceber os desafios e as potencialidades encontradas pelo caminho percorrido.

Pensando nos meios tecnológicos percebemos sua importância durante esse período, pois as aulas só foram possíveis de serem realizadas devido a esse recurso, trazendo crianças para perto do professor e da turma, mesmo que virtualmente. A tecnologia faz parte de nosso cotidiano, temos que torná-la uma aliada no processo de aprendizagem e, assim, com o objeto de estudo dessa pesquisa de TCC, a intenção é trazer à tona a sua devida importância.

Estamos vivendo um período difícil e cheio de dúvidas referentes à Pandemia da Covid-19, por isso é necessário escutar as múltiplas vozes que integram a relação pedagógica que perpassa o cotidiano da docência na Educação Infantil, ou seja, compreender como os pais, as crianças e os professores se sentem referente às aulas virtuais, pois esse é um cenário novo e desafiador para todos.

Diante de leituras prévias referentes ao objeto de estudo, formulei algumas hipóteses a serem posteriormente avaliadas: (a) os professores da Educação Infantil precisaram modificar a sua forma de desenvolver as aulas; (b) os pais sentem dificuldades na mediação das aulas virtuais; (c) a tecnologia permitiu que as aulas acontecessem; (d) e, de certa forma, a Pandemia aproximou as crianças, já que através da tela conseguiam conversar.

A partir deste estudo pretendo buscar respostas para a seguinte pergunta: Como a Pandemia da Covid-19 modificou o cotidiano da docência, da aprendizagem e da organização familiar nas escolas de Educação Infantil?

Analisando a questão citada acima, tenho como objetivo geral compreender a realidade da Educação Infantil em meio a Pandemia da Covid-19 a partir da escuta de múltiplas vozes.

Diante disso, apresento os objetivos específicos:

- Analisar a tecnologia e sua participação nas aulas da Educação Infantil no contexto da Pandemia da Covid-19.
- Identificar as alterações que os professores tiveram de fazer na sua forma de desenvolver as aulas no formato virtual.
- Compreender os sentimentos provocados pelas aulas online para todos envolvidos no processo.
- Conhecer como as aulas para as crianças da Educação Infantil foram e são ministradas em meio à Pandemia da Covid-19.
- Compreender como as famílias se organizaram para abrir as “janelas”, a fim de que os professores entrem em suas casas, devido ao fechamento das escolas de Educação Infantil.

Ao pensar sobre pesquisas relacionadas ao objeto de estudo deste TCC, me deparei com pouco material produzido e publicado, muito provavelmente devido ao pouco tempo de experiência e às prioridades em atender as situações emergentes do processo, já que a Pandemia da Covid-19 aconteceu no ano de 2020 e se estende pelo primeiro semestre de 2021. Destaco a importância de analisar esse cenário, no cotidiano da Educação Infantil, a fim de perceber, explorar, retratar, analisar e evidenciar para todos os atores envolvidos na comunidade escolar, além da sociedade como um todo, como essa nova realidade vem sendo construída e como os desafios apresentados têm sido enfrentados e superados, em uma realidade que teve de ser totalmente modificada em questão de meses.

Feita esta contextualização, apresento a estrutura deste texto de TCC e o modo como a pesquisa que o originou está organizada: além deste capítulo introdutório, temos o Capítulo 2, intitulado “A educação na infância como um direito”, que trata as características da Educação Infantil, aliada com os direitos de aprendizagem previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O Capítulo 3 – “A Educação Infantil na Pandemia da Covid-19 e as novas coreografias sociais” - descreve as mudanças implementadas na escola após a suspensão das aulas por conta da Pandemia da Covid-19, bem como as consequências desse novo cenário para pais, professores e crianças. Esse capítulo traz também uma reflexão sobre as diversas realidades das famílias brasileiras e a relação disso com a educação e com a diversidade social no Brasil.

O Capítulo 4, intitulado “Caminhos da escuta: as múltiplas vozes da Educação Infantil na Pandemia da Covid-19”, é destinado à descrição dos caminhos e procedimentos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, de natureza quanti-qualitativa, fazendo uso de dois questionários enviados virtualmente, um destinado aos professores, e outro para pais de crianças da Educação Infantil.

“Ecos da escuta das múltiplas vozes: a Educação Infantil na Pandemia da Covid-19”, intitula o Capítulo 5, o qual apresenta os resultados da pesquisa, trazendo as vozes das professoras<sup>1</sup> e as vozes dos familiares.

Por fim, as conclusões do processo desenvolvido na pesquisa de TCC, seguida das referências acessadas e dos apêndices contendo os dois instrumentos de pesquisa utilizados, sob os títulos: “Questionário enviado para os pais” e “Questionário enviado às professoras”.

---

<sup>1</sup> Refiro-me às professoras, pois, na Educação Infantil as mulheres atuam majoritariamente, assim como, as interlocutoras da pesquisa foram todas mulheres.

## 2 A EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA COMO UM DIREITO

A Educação Básica em nosso país é dividida em três níveis: a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, obrigatoriamente crianças de quatro a dezessete anos devem estar matriculadas e frequentando uma escola, como podemos verificar na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental; c) ensino médio [...]. (BRASIL, 1996, p.9)

Como foi possível observar, segundo a LDB, a Educação Básica é dever do Estado, os pais ficam responsáveis pela matrícula das crianças, fica a seu critério a escolha da escola pública ou privada, mas o Estado deve oferecer vagas para todos aqueles que estiverem em idade escolar.

Nosso país é composto por diversas realidades, resultando em uma rica diversidade. Por outro lado, temos as diferenças sociais, onde em um mesmo bairro temos uma família de classe alta, também de classe média e ainda aquelas que ganham somente o necessário para sua sobrevivência.

Esse fato interfere diretamente em todos os campos da vida de cada um, seja trabalho, lugares que frequentam, tipos de diversão, locais de consumo, vestimenta, alimentação, mas a grande influência que será destacada é na educação. Antes da Pandemia da Covid-19, esses contextos já causavam diferenças na vida escolar, mas nesse período foi destaque ao ver alunos que não conseguiam participar das aulas por não terem acesso.

Mas, é importante lembrar que a educação é direito de todos, segundo a Constituição 1998 - “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” -, é dever de todos assegurar que todos em idade escolar tenham acesso à escola, mesmo que esteja acontecendo o isolamento e as escolas estejam fechadas, a educação ainda é dever assegurado em lei.

Referente a Educação Infantil, pode-se analisar que segundo a LDB de 1996, no seu artigo 4º, o dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de “vaga na escola pública de Educação Infantil ou de Ensino Fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade”.

Sendo dever do Estado em garantir vaga e das famílias em enviar as crianças para a escola a partir dos quatro anos de idade, destaca-se a necessidade de manutenção das aulas como forma de garantir os direitos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, mesmo em tempos de Pandemia e de suspensão das aulas.

Ainda, segundo a LDB, “o controle de frequência fica a cargo da escola, conforme o disposto no seu regimento e nas normas do respectivo sistema de ensino, exigida a frequência mínima de setenta e cinco por cento do total de horas letivas para aprovação”. Na educação básica a partir dos quatro anos é obrigatória a matrícula da criança em uma escola, pais, escola e comunidade devem auxiliar para que isso de fato aconteça.

Também é possível verificar através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, que a Educação Infantil possui seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, os quais asseguram uma formação que possibilite que a criança tenha um papel ativo em seus ambientes, deles podemos destacar: conviver, brincar participar, explorar, expressar, conhecer-se. Eles reforçam que a criança precisa se desenvolver em diferentes situações e ambientes e relacionar-se com várias pessoas, com suas diferenças, conhecendo desta forma a si mesmo e ao outro.

Com isso percebe-se que os três documentos legais que orientam a educação brasileira - Constituição Federal, BNCC e LDB – regulamentam para que se atinja uma educação de qualidade para as crianças em idade escolar, e o direito à educação precisa ser assegurado também durante a Pandemia da Covid-19.

Logo que as escolas fecharam devido à Pandemia da Covid-19, começaram a ser noticiados sobre alunos que não conseguiam participar das aulas por falta de recursos e estrutura familiar adequada. Uma matéria veiculada na imprensa e que

chamou a atenção, foi de um menino que morava no interior e precisava subir em uma árvore para conectar à Internet e assistir a sua aula.

Com isso, nos deparamos com fatos que acabam dificultando ou até mesmo impossibilitando aos estudantes terem acesso às aulas, seja pelo motivo da distância, falta de recursos ou de acesso à Internet.

O desafio de uma educação universalizada fica prejudicado com a Pandemia, aumentando as desigualdades, conforme salienta Costin:

Como pai e integrante de uma família que vive as dificuldades da educação na pandemia e que tem pensado muito no impacto do que estamos vivendo no futuro da educação do meu filho e da minha enteada, não posso também deixar de pensar nos milhões de outras famílias e profissionais do ensino que estão presos em uma teia de dificuldades sociais muito maiores e que os impedem de avançar na educação. (COSTIN, 2020, p.29)

Os problemas na educação são antigos e de conhecimento de todos, mas o momento que vem sendo enfrentado está, de certa forma, prejudicando ainda mais as aprendizagens essenciais, já que para grande parte da população as aulas não estão chegando. É possível observar essa realidade abaixo:

[...] O programa “Outra Estação”, da Rádio UFMG Educativa, afirma que o ensino remoto “expõe o abismo entre estudantes das classes sociais mais privilegiadas e os mais vulneráveis”. Segundo a secretária de Educação de Belo Horizonte, Ângela Dalben, uma das entrevistadas do programa, é preciso preocupar-se com o acesso à Internet e aos dispositivos tecnológicos necessários para que a aprendizagem remota aconteça. Faz-se necessário mencionar ainda as condições físicas da moradia e questões como alimentação adequada, necessidade de trabalhar, de cuidar dos irmãos e da casa. (MACHADO, 2020, p.69)

As diferenças sociais vão muito além do que é possível ver, como citado acima, muitos fatores ligados à moradia e condições do aluno, acabam impossibilitando que a aprendizagem aconteça.

Com isso, todos os estudantes merecem ter acesso à educação. Independentemente de fatores citados anteriormente, deve-se buscar soluções para esses problemas, pois o que não é aceitável é ver estudantes com desejo e direito de estudar sendo impossibilitados, devido à sociedade e o Estado fecharem os olhos para acolher todas as realidades presentes na escola. Machado destaca que para minimizar essas diferenças,



Um dos desafios é incluir todos os alunos para aprender pelas diferentes formas de EAD, pois no Brasil e em outros países há crianças e adolescentes que vivem na pobreza e estão em situação vulnerável. É preciso propiciar serviços educacionais de emergência até que as escolas possam reabrir com segurança. Exemplos de vários estados e municípios podem servir de orientação para programas de aprendizado, como rádio, televisão, telefone celular e suprir a ausência de Internet porque há municípios nos quais nem eletricidade existe. (MACHADO, 2020, p.32)

Nunca foi tão necessário nos colocarmos no lugar do outro buscando exercitar a empatia e compreender o que se passa para auxiliar com o que estiver ao nosso alcance e, se não for possível, buscar meios que tornem a aprendizagem acessível. A educação é um direito, buscar recursos e possibilidades para que ela aconteça é um fator que deve acontecer, e isso é dever do Estado e de toda a sociedade.

A fase da Educação Infantil atende crianças de zero a cinco anos de idade, sendo obrigatória apenas a partir dos quatro anos. Nessa fase escolar, são valorizadas as aprendizagens “básicas” referentes à higiene, alimentação, desenvolvimento e, também, o momento de brincar, pois, através da brincadeira a criança aprende novas coisas por meio do uso diário da ludicidade.

A Educação Infantil tem grande importância na formação da criança, é neste momento que se iniciam as inúmeras descobertas, referentes a si e ao outro, também se inicia a fase de formação de personalidade.

Segundo Bassedas, Huguet, Solé (1999, p.54) podemos definir a Educação Infantil como um momento de “Potencializar e favorecer o desenvolvimento máximo de todas as capacidades, respeitando a diversidade e as possibilidades dos diferentes alunos”. Nesta fase da escolarização, assim como nas demais, temos que levar em consideração que toda criança é única e aprende da sua forma, cabe ao professor e à proposta pedagógica da escola buscarem alternativas para melhorar a aprendizagem, possibilitando que todos aprendam e se desenvolvam.

O brincar proporciona novas aprendizagens, pois nada adianta focar em atividades e esquecer que as crianças nessa fase necessitam se divertir envolvendo-se em brincadeiras que proporcionem descobertas de si mesmas e sobre o mundo, pois é brincando que a criança realmente aprende, tanto na escola como em casa. Segundo a BNCC:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral

das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2018, p. 39)

Deve-se conhecer a turma, as formas de aprendizagem de cada criança e com isso elaborar aulas divertidas que possam explorar todos elementos necessários para um bom desenvolvimento infantil e encontrar formas de aprendizagens a partir das brincadeiras.

Outro fato importante que a fase da Educação Infantil deve trabalhar é a motricidade ampla e fina. A motricidade ampla diz respeito à exploração de atividades como: pular, correr, caminhar, dançar. Por sua vez, a motricidade fina envolve: escrever, colar, recortar, destacar, pintar. A criança está ainda desenvolvendo todas essas habilidades, por isso o professor pode proporcionar o incentivo de tudo isso, para que, com o passar do tempo, elas consigam desenvolvê-las de forma mais exata e pontual.

A BNCC refere quais as aprendizagens essenciais são definidas para determinada idade escolar, ela abrange a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, tem por objetivo:

Nesse sentido, espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação. Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental. (BRASIL, 2018, p.6)

Percebemos a necessidade de uma equidade na educação, afinal segundo a BNCC “Para isso, os sistemas e redes de ensino e as instituições escolares devem se planejar com um claro foco na equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes” (BNCC, 2018, p.15), ou seja, temos que partir da ideia de que todas crianças possuem uma realidade diferente, onde alguns possuem melhores condições, outros não. A BNCC abarca os princípios para efetivar o direito à educação, com o grande desafio de ter as competências gerais e específicas implementadas no cotidiano das escolas e das práticas educativas. No caso da Educação Infantil, o documento contempla os direitos de aprendizagem e

desenvolvimento, os campos de experiências e, por fim os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

Segundo a BNCC (2018, p.38), para a Educação Infantil, temos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que possibilitam que as crianças tenham papel ativo e sintam-se provocadas a resolvê-los, desta forma criando significados para sua vida. São eles:

- Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens [...].
- Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros [...].
- Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana[...]
- Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela [...].
- Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural [...]

Com isso, observando os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, podemos salientar a importância de serem ofertados diversos meios que ampliem os conhecimentos da criança, em diferentes espaços, tempos, parceiros, linguagens, planejamento, formas de expressão, identidade e equipamentos. Tudo isso evidenciando que a criança da Educação Infantil não precisa passar a tarde, em alguns casos até o dia todo, dentro de uma sala de aula, mas, ao contrário, deve ser estimulada para explorar diferentes espaços, companhias e ambientes, a fim de construir uma aprendizagem mais significativa, permitindo que a criança se desenvolva da melhor forma possível, explorando tudo que está ao seu redor.

Com isso, a criança consegue conhecer a si mesmo e ao outro. Outros dois aspectos que também contribuem para o desenvolvimento infantil são: a prática de cuidados pessoais; e a Literatura. Conforme a criança cresce deve aprender e desenvolver as práticas básicas como: comer sozinha, se vestir, organização, pois

esses fatores permitem uma maior independência, necessitando de menor auxílio dos adultos para seus afazeres. Já a literatura possibilita um desenvolvimento de criatividade, exploração, imaginação, criação, pois ao escutar uma história a criança entra em um universo seu, onde imagina o que está sendo lido, viajando, dessa forma, para diferentes tempos e espaços, ampliando sua linha de pensamento.

Também presentes na BNCC estão os campos de experiências onde são demonstradas situações e experiências do dia a dia da criança juntamente com os conhecimentos. Temos cinco campos de experiência, com base na BNCC (2018):

- O eu, o outro e o nós: com a relação das crianças e adultos é que se constrói suas peculiaridades, concepções, questionamentos, por isso na educação infantil devem ser oportunizadas questões onde se entre em contato com diferentes culturas, grupos sociais, possibilitando um conhecimento sobre si próprio e o outro, valorizando e respeitando as diferenças.
- Corpos, gestos e movimentos: na educação infantil o corpo da criança ganha centralidade, devem ofertar de forma lúdica diferentes repertórios envolvendo movimentos, descobrindo assim o uso do espaço com o corpo.
- Traços, sons, cores e formas: a educação infantil precisa promover a apreciação artística, favorecendo a sensibilidade, criatividade e expressão, ampliando repertórios e interpretando experiências.
- Escuta, fala, pensamento e imaginação: desenvolver questões que permitam a criança falar e ouvir potencializando sua cultura oral, é através disso que ela se constitui um sujeito singular e pertencente a um grupo social.
- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações: é necessário possibilitar a observação, manipulação de objetos, criar hipóteses, pesquisar gerando conhecimentos do mundo físico e sociocultural fazendo referência com seu cotidiano.

São amplos os campos de experiências, onde são abordados inúmeros elementos para serem explorados durante toda fase da Educação Infantil. Cabe ao professor analisar a idade de sua turma e adequar aos campos de experiências, levando em consideração tudo aquilo que deve ser estimulado para cada fase do desenvolvimento. A pesquisa de mestrado desenvolvida por Giuriatti (2018), alerta para a necessidade de organização de um currículo na Educação Infantil ancorado em uma imagem de criança ativa. Segundo a pesquisadora, essa concepção:

Reconhece que ela age, cria e produz cultura convivendo, brincando, explorando, participando, expressando, conhecendo(-se). Nesse fazer e agir da criança, narrativas são construídas em uma relação dialógica, inspirada em teorias plurais e abertas ao questionamento e ao reconhecimento de saberes transitórios, pois a experiência ao mesmo tempo que possibilita a aproximação com a cultura e a tradição humana, tem potencial e abertura para reconstruí-la e reinventá-la. Além da imagem potente de criança, os campos de experiências tornam-se possíveis a partir, também, de um(a) professor(a) igualmente potente, sensível às crianças, capaz de escutá-las em suas “cem linguagens” [...]. (GIURIATTI, 2018, p. 112)

Através dos campos de experiências é possibilitado que a criança faça relação da sua realidade com as aprendizagens, tornando-a figura principal de sua aprendizagem. Permite também ao professor novas formas de ensino, olhando e escutando as aprendizagens que a criança traz consigo e adaptando tudo isso de uma forma a promover uma melhor aprendizagem para sua turma.

Como podemos verificar, segundo a BNCC, explorando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento e os campos de experiências, a Educação Infantil trata de assuntos cotidianos ligados com as aprendizagens, são temas simples, mas necessários de serem trabalhados nesta fase. Percebe-se a importância do lúdico aliado com a proposta de aula, diferente do que muitos pensam, a Educação Infantil é uma fase muito importante da vida das crianças, sendo necessário que a professora tenha um olhar atento para a turma, visualizando as necessidades que devem ser exploradas.

A Educação Infantil é uma fase cheia de descobertas na vida das crianças. A BNCC é um documento de conhecimento público em fase de implementação e deve ser considerado como fonte de consulta para orientação do que pode ser explorado em cada fase, por vezes, sendo uma ferramenta para elaboração das aulas, tendo em vista que tem como objetivo a formação integral e de qualidade para os estudantes, explorando a criatividade e o lúdico. Mas, a autonomia do professor e da escola não podem ser desconsideradas, bem como a realidade local, a fim de garantir que as especificidades sejam respeitadas.

As crianças trazem consigo muitas aprendizagens vindas de casa e possuem conhecimentos prévios, os quais devem ser levados em consideração, além do professor necessitar ter um olhar crítico, fazendo com que esses conhecimentos prévios mostrem os caminhos a serem seguidos pelo professor, conforme evidencia

Maciel (2019, p. 52), “o desenvolvimento natural da criança acontece de forma a dar significado às suas experiências vividas, despertando nelas o interesse por ampliar seu repertório de conhecimento, a partir dos seus próprios interesses”.

É a partir das curiosidades, perguntas, dúvidas das crianças que o professor pode organizar as aulas, pois com isso, a relação pedagógica se tornará interessante e possivelmente despertará a atenção, devido ao assunto explorado ser de interesse da turma.

Destaca-se o ponto do professor ser observador, escutando as falas e perguntas das crianças, perceber o que pensam e as suas dúvidas aproxima a relação criança e professor, gerando uma boa compreensão de ambos, além de contribuir para uma aprendizagem mais significativa.

Entende-se o estudante como protagonista de sua aprendizagem, sendo importante que ele questione e busque respostas para seus questionamentos, não se sinta satisfeito apenas com o que seu professor lhe ensina, sempre busque novas aprendizagens. Segundo Maciel (2019):

Nesse caso, trata-se de uma educação em que o aluno é o sujeito principal do processo de ensino aprendizagem, por meio do qual se pode ter espaço para criticar, se desenvolve por meio de oportunidades educativas, num ambiente próprio para entender e aprender, desmistificando a ideia de dissociação entre a vida e a escola, a fim de se dotar a criança de conhecimentos e competências que permitam a participação e transformação na sociedade. (MACIEL, 2019, p.55)

Desenvolver crianças críticas permite que pensem além do que é apresentado, que saibam argumentar e se posicionar diante do que lhe falam, através disso é que poderemos ter mudanças positivas em nossa sociedade.

Desta forma, percebemos a importância e o dever de a Educação Infantil ser de qualidade, proporcionando aos estudantes a efetivação dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, além de utilizar os campos de experiências com amplas e diferentes propostas, sempre aliadas ao lúdico e à realidade do aluno, tornando assim a aprendizagem prazerosa e significativa. A criança deve “ser criança”, isto é, se divertir, correr, pular, se sujar e principalmente brincar, pois é com isso que ela conhece a si mesma e ao outro, além de explorar sua criatividade, sendo essa fase lembrada com muito carinho por toda sua vida.

Com isso, Giuriatti (2018) mostra que a Educação Infantil deve ser valorizada e compreendida na sua devida importância:

Em nome desse compromisso educativo, influenciado pela obrigatoriedade da escolarização aos quatro anos de idade e na legitimação da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, percebe-se ainda fragilidades na cultura escolar que, por vezes, em nome dos conteúdos a serem desenvolvidos, potencializa o discurso de que a criança precisa ser preparada para o Ensino Fundamental, o que cria, com essa perspectiva, processos de antecipação da escolarização que afetam os modos de viver da criança e, conseqüentemente, a experiência de infância.(GIURIATTI, 2018, p.30)

Percebe-se a fase da Educação Infantil como algo fundamental na vida das crianças, pois é neste momento que são criadas as primeiras experiências, os primeiros amigos, as novas descobertas. É neste nível de ensino que a criança descobre a si mesmo e ao outro, vai muito além de “preparar para o ensino fundamental”. É um tempo que possibilita a interação, nesse momento a criança conhece seus gostos, gerando lembranças que serão recordadas com carinho durante todo o resto da sua vida.

Com isso, compreende-se que a Educação Básica é um dever do Estado, amparado pela Constituição, LDB e BNCC, toda sociedade deve contribuir para que as crianças tenham acesso à escola. Foi possível através da BNCC perceber o que a Educação Infantil deve proporcionar para um desenvolvimento completo e integral das crianças, com base nos campos de experiências e os direitos de aprendizagem e desenvolvimento presentes no documento, onde analisa-se todos os meios possíveis de exploração nesta fase escolar.

### 3 A EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA E AS NOVAS COREOGRAFIAS SOCIAIS

A humanidade passou por um período diferente desde o início de 2020, por conta de um novo vírus que surgiu na China. É uma doença com elevado nível de transmissão, sendo um novo desafio para todos países. A Organização Mundial da Saúde colocou todos países em alerta para a necessidade de controlar a mobilidade da população. Isto é: “A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo novo Coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global” (SAÚDE, 2020).

Na tentativa de reduzir a disseminação do Coronavírus, por meio de decretos nacionais, estaduais e municipais, foram adotadas algumas medidas de distanciamento social, mas foram mantidos os serviços essenciais como farmácia, supermercados, hospitais. Aliado a isso, houve a adoção do distanciamento social para evitar aglomerações, o uso de máscaras, a higienização das mãos com o uso do álcool em gel e o lavar as mãos frequentemente com água e sabão.

Diante disso, uma nova realidade começou a fazer parte da vida das pessoas: muitos estabelecimentos foram fechados, e outros com horários e quadro de funcionários reduzido. Nas escolas não foi diferente: na segunda quinzena de março de 2020 as aulas foram suspensas e as escolas fecharam suas portas.

No dia 16 de março de 2020, Eduardo Leite, governador do Estado do Rio Grande do Sul, anunciou um decreto estadual que suspendeu as aulas presenciais, esse decreto teria validade inicial de quinze dias, mas diante da situação e da alta proliferação do vírus, as aulas presenciais voltaram apenas no mês de outubro de 2020.

Inicialmente, como a suspensão das aulas iria durar apenas quinze dias a grande maioria das escolas enviou apenas as atividades para serem realizadas via *WhatsApp*, com vídeos explicativos sobre o assunto e a proposta da atividade para a aula. Conforme as escolas perceberam que seria prolongada a suspensão, foi necessário buscar uma nova alternativa para a realização das aulas. Então, após aproximadamente vinte dias, iniciaram-se as aulas virtuais, onde a turma se encontrava com sua professora em uma sala virtual, tendo um link gerado para o acesso.



Com o isolamento social que estava acontecendo, muitos pais e mães passaram a trabalhar de forma *home office*, ou seja, trabalhando de casa, muitos tinham seus dias completos na frente do computador fazendo seu trabalho e resolvendo suas coisas, mas o trabalho em casa não era a única mudança que ocorria nos lares, tínhamos também as crianças que passavam todo seu dia dentro de casa, tendo suas aulas virtuais. As crianças demandam tempo e atenção, com isso, trabalhar de casa talvez ficasse um pouco mais difícil, pois as crianças querem companhia a todo momento, dificultando o desempenho da função necessária. Esse fato frustrava tanto os pais, pois não conseguiam trabalhar da forma como queriam e nem atender seus filhos, mas frustrava as crianças também, pois não tinham a companhia e a atenção que gostariam. A frustração se agravava com a falta do convívio no espaço da escola, com as saudades dos colegas e do processo de socialização que lá acontece.

Inicialmente, todos acreditavam que tudo voltaria ao normal após quinze dias, o que ninguém esperava era que isso iria se prorrogar por meses e meses, tornando as aulas virtuais algo inserido na rotina familiar e escolar, até mesmo para as crianças.

Mas, de outro lado, os professores também tiveram que adaptar suas casas e rotinas, pois muitos também têm filhos, reorganizando sua vida, tendo em vista que também passaram a trabalhar de forma *home office*. As reuniões de escola, entre professores, direção e coordenadores também passou a acontecer virtualmente, geralmente pelas plataformas digitais *Google Meet* e *Zoom*, onde eram tomadas decisões necessárias para a continuidade das aulas, além de solicitações e esclarecimentos, também utilizavam *WhatsApp* para as dúvidas rápidas.

Como não era permitido criar reuniões presenciais nem combinar encontros, o *WhatsApp* foi uma ferramenta fundamental para possibilitar a comunicação entre escola e pais. No geral, foram criados grupos de avisos e esclarecimentos, onde poderiam ser tiradas as dúvidas básicas e recados eram transmitidos, além de auxiliar quem precisasse de algo mais. Quando necessário, eram criadas salas virtuais como pelo *Google Meet* ou pelo *Zoom*, disponibilizando link de acesso e permitindo que ocorresse a conversa entre ambas as partes, já que o número de pessoas envolvidas era grande.

Para preparar as aulas de forma remota, inicialmente a direção e professores tiveram reuniões, através das quais tomavam decisões e organizavam o que fosse

necessário, por exemplo, sobre a plataforma utilizada e a forma de avaliação. Após, as decisões eram repassadas para os pais, eles então recebiam o link de acesso às aulas, assim como as orientações e “abriam as janelas” das aulas para estabelecer a conexão entre os professores e as crianças, possibilitando a continuidade das aulas, caso a família não soubesse acessar o que fosse necessário a direção e professores lhes auxiliava. Um processo de alfabetização digital aconteceu também entre os membros de algumas famílias que até então apenas utilizavam as tecnologias para a comunicação direta, via *WhatsApp* ou computadores.

Apesar de a nova realidade ser diferente, foi necessário que todos se reinventassem e tornassem possível a manutenção dos processos de ensino e de aprendizagem, embora com limitações, pois, segundo Frison (2004, p.88), “na escola, na sociedade, na empresa, em espaços formais ou não formais, escolares ou não escolares, estamos constantemente aprendendo e ensinando”. A autora complementa que,

Assim, como não há forma única nem modelo exclusivo de educação, a escola não é o único em que ela acontece e, talvez, nem seja o mais importante. As transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno multifacetado, que ocorre em muitos lugares, institucionais ou não, sob várias modalidades. (FRISON, 2004, p. 88).

O cenário escolar vive em constante mudança, seja nos processos de formação e de atuação docente, seja nas formas de gestão da escola, ou nas normativas que organizam a rotina escolar, bem nas mudanças curriculares e até mesmo as crianças que mudam todos os anos para o professor. Por isso o ensino nunca acontecerá da mesma forma, com o passar de dias e até anos, nosso mundo vai se modernizando, trazendo muitas mudanças frequentes. Diante de todas essas mutações é que o professor deve estar preparado para os desafios que possam surgir durante sua carreira, pois as realidades se transformam, e isso exige que o professor esteja aberto a novas possibilidades e novas formas de construir e de construir aulas, como foi o que ocorreu no ano de 2020 devido à Pandemia da Covid-19.

É possível perceber a mutação que a escola sofreu, e ainda sofre, no decorrer de todo processo educativo durante muitos anos. Segundo Canário (2006) a escola sofreu mutações que podem ser destacadas como: a escola de um contexto de certezas passou para um contexto de promessas, atualmente se

encontra no momento de incertezas. Com o passar de tempos, surgem e percebem-se novas necessidades para uma escola, se antes era preciso memorizar os conteúdos, após percebeu-se que de nada adiantava isso se o aluno não compreendia o assunto ou não opinava sobre o mesmo. Questiona-se então sobre a educação, como ela vai ser, o que será valorizado, como o professor e a criança serão vistos. No excerto a seguir, Canário (2006), reflete sobre o futuro da educação:

O modo como o futuro da educação e da escola poderá vir a se configurar depende da resposta que for dada ao dilema imposto aos sistemas educativos: o de continuarem a se orientar segundo critérios de subordinação instrumental relativamente a uma racionalidade econômica que está na raiz dos nossos graves problemas sociais ou, ao contrário, apostar nas virtualidades emancipatórias e de transformação social da ação educativa. (CANÁRIO, 2006, p. 17)

Em outras palavras, o futuro da educação depende da prioridade que será depositada nela, sem critérios ligados à economia e a busca pela equidade a mudança será difícil de ser conquistada. A escola precisa de transformações, também desenvolvendo o senso crítico dos professores e alunos, buscando uma ação educativa de qualidade, em conjunto com a sociedade do seu entorno, ou seja, com a comunidade onde se localiza.

Segundo Canário (2006), é necessário superar a forma escolar, reconhecendo o valor do erro, afinal ele que constrói uma aprendizagem, mudar o ensinar para o aprender, valorizar os conhecimentos prévios das crianças, a contextualização nos espaços sociais e inserção na linha do tempo. Precisa-se repensar todos os aspectos citados acima, buscando perceber se isso de fato acontece e, a partir disso, reinventar a organização escolar onde a escola deve evoluir para uma comunidade de aprendizagem, onde o individualismo de “cada professor na sua turma” é deixado de lado, e é pensado no coletivo, onde busca-se por inovações no ramo das pesquisas e da formação.

Mas, nos deparamos com a escola na Pandemia, e o desafio de levar a educação e a escola para todos. Durante esse período a escola também teve sua mutação, ao ter de se reinventar, buscando novas formas de proporcionar aulas para cada estudante realizar no conforto de sua casa. Com isso, percebe-se que essa mutação é constante, afinal cada fase ou período da vida vai exigir novas questões e considerações. A escola sempre será um local em constante

transformação, com novas aprendizagens e métodos para toda equipe que faz parte dela, com o intuito de sempre trazer melhoras significativas para a educação.

Logo, é possível analisar a importância da escola e de suas mudanças, segundo Canário (2006):

Relativamente ao futuro da educação não nos podem restar quaisquer dúvidas de que ela manterá toda a sua importância. Embora adquira provavelmente contornos mais difusos e, em muitos aspectos, desejavelmente menos profissionalizada, a ação educativa deliberada continuará a apelar aos profissionais autônomos e criativos capazes de pensar e de definir o seu ofício. O que aparece como inevitável, em termos de futuro, é a ruptura com o modelo de escola que conhecemos e que, em termos históricos, atingiu ou está atingindo seu prazo de validade. (CANÁRIO, 2006, p.49).

Compreende-se então, que a escola sempre terá sua importância, independente do período em que se encontra, é importante pensar e analisar as mudanças necessárias para uma melhora, pensando nas aprendizagens necessárias como forma de contribuição para uma melhor formação, não pensando apenas no âmbito de escolarizar para o trabalho.

As aulas presenciais virtuais<sup>2</sup> se tornaram comuns de nosso cotidiano, ligar o computador e conectar uma aula já é automático, as salas de aula com mesas, cadeiras e quadro de giz deram espaço para uma sala com um computador, ao invés de abrir a porta para a entrada dos estudantes em sala de aula, abre-se uma janela de acesso virtual a aula, ressignificando as formas de construir aulas e os equipamentos necessários para o acontecimento da mesma.

O abraço, o carinho e aperto de mão, deram espaço para longas conversas virtuais, mas a falta do contato físico sempre permaneceu, pois, além de ser bom para as crianças, também auxilia em seu desenvolvimento e socialização. Contudo, alternativas para não deixar as crianças sem esse contato com a educação formal foram construídas, a exemplo das aulas remotas ou virtuais. O cenário da escola mudou totalmente, nos deparamos com um novo tipo e formato das aulas acontecerem, tudo novo, diferente e inesperado.

Mas, ao pensarmos sobre as aulas virtuais, onde todos ficam conectados através de uma janela virtual, pensamos sobre o desafio do professor, pois as aulas

---

<sup>2</sup> Atribuímos essa nomenclatura para aulas que embora aconteçam mediadas pelas ferramentas das plataformas digitais, são consideradas presenciais, pelo caráter de sincronidade, ou seja, professores e alunos conectados no mesmo horário.

se constroem com aluno e professor juntos, como podemos perceber nas afirmações de Rios (2008):

A primeira dessas idéias, que vai nortear toda a reflexão aqui proposta, é a de que uma aula não é algo que se dá, mas algo que se faz, ou melhor, que professores e alunos fazem, juntos. Afirmar que fazem juntos não significa, absolutamente, dizer que fazem de maneira igual. É na diferença e na reciprocidade de papéis que vai se constituindo o evento que se chama aula (RIOS, 2008, p.2).

Com isso, compreende-se que uma aula não acontece apenas com o professor e suas aprendizagens, é uma troca constante onde professor e a criança aprendem um com o outro, e a partir disso que é possível dar andamento aos assuntos que serão abordados e compartilhados.

Isso não quer dizer que professor e a criança possuem um mesmo papel dentro da sala de aula, ambos possuem funções diferentes, como podemos ver segundo Rios (2008, p.5): “O diálogo se faz na diferença. E há, sem dúvida, uma diferença nos papéis de professor e de aluno. O que se quer afastar, na relação entre eles, é a desigualdade, essa sim, instalada a partir de uma perspectiva de dominação, de discriminação”, ou seja, compreende-se a diferença das duas figuras na sala de aula, o professor é visto como autoridade pelo reconhecimento da especificidade de seu papel, algumas vezes essa autoridade é esquecida e em outras o professor abusa dela perante o aluno, isso é prejudicial na relação criança e professor, pois, assim senso, a aprendizagem e o interesse não acontecem de forma tranquila. Deve acontecer uma relação de respeito entre ambas as partes.

Levando sempre em consideração as aprendizagens prévias da criança, com isso, o professor se torna um mediador entre ela e a aprendizagem e aprende junto, afinal, as crianças têm muito o que ensinar ao professor, e com a troca entre a turma novas e significativos assuntos e possibilidades surgem, fazendo com que todos contribuam e construam seu conhecimento.

Compreende-se que o professor não dá aulas, e sim constrói junto com as crianças, construídas com a participação de todos integrantes de uma sala de aula. Segundo Rios (2008, p.7), é necessário que as aulas sejam sempre realizadas com ética, pois: “Falamos na presença de uma dimensão ética na aula quando nela a ação é orientada pelos princípios do respeito, da justiça, da solidariedade, que são

promotores do diálogo”, essa ética é que deve prevalecer diariamente nas salas de aula, possibilitando então um bom aprendizado.

Foi necessário, então, perante a Pandemia e as aulas virtuais, que os professores construíssem novas estratégias para suas aulas, diante de um novo cenário e utilizando as plataformas digitais e as tecnologias que elas oportunizam, e que antes da Pandemia eram pouco utilizadas e, em muitos casos, nunca haviam sido experimentadas.

Percebeu-se, então, a importância dos meios tecnológicos durante esse período, pois, os professores, assim como algumas outras profissões, só puderam dar andamento nas suas atividades utilizando a tecnologia a seu favor e construindo assim a melhor forma de desempenhar aquilo que era demandado.

Não é de hoje que vem sendo discutido o uso das tecnologias em sala de aula, já que as crianças que estão na escola de Educação Infantil hoje, pertencem à Geração Alfa, nascida após os anos 2010, tem a tecnologia incorporada em suas vidas, diferente da geração Z, nascida nos anos 2000, que tinha as tecnologias como extensão ao corpo. Portanto, foi difícil, mas, já havia uma predisposição para aliar o útil ao necessário. O limite disso está nas famílias que não têm as condições para o acesso à Internet e/ou que não possuem equipamentos compatíveis para “abrir as janelas das aulas”. De acordo com Machado:

O que estamos acelerando é uma nova sociedade baseada em uso intensivo de tecnologias, o que alguns chamam de sociedade 5.0, onde o foco não recai apenas nas tecnologias, mas na sociedade que está inserida em um determinado ambiente e que vai ser impactada pelas novas tecnologias. (MACHADO, 2020 p. 51)

A atual sociedade tecnológica, com suas alternativas, acaba facilitando alguns aspectos da vida e como foi já foi abordado, em época de Pandemia, onde o contato presencial era impossibilitado, acabou permitindo que parte do antigo cotidiano continuasse acontecendo, porém, de forma virtual.

Os professores receberam auxílio e orientação da escola relacionados a fatores pedagógicos, ou seja, como deveriam ministrar suas aulas, sobre o tempo da aula, quanto aos tipos de projetos, sobre quais materiais didáticos recorrer, por meio da Internet. Os professores tiveram de usar o que tinham ao seu dispor, ou até mesmo comprar materiais ou melhorar seus equipamentos e aumentar a velocidade das conexões de Internet e não receberam nenhum auxílio financeiro para isso. Isso

evidencia que os professores foram os grandes protagonistas para que não acontecesse a paralização completa das aulas e dos processos de aprendizagem das crianças. Foi necessário buscar alternativas virtuais para a realização das aulas, montagem de vídeos, acesso e descoberta de muitos programas que permitiam maior dinamicidade às aulas.

Não podemos deixar de expressar que não foram todas as escolas e nem todos os professores que se mobilizaram para isso, e em tempo hábil. As crianças e suas famílias viviam uma nova e desafiadora realidade: as aulas virtuais. Infelizmente elas não foram para todos, pois as famílias vivem diferentes realidades. Muitos não tinham a oportunidade de participar dos encontros por não terem os equipamentos necessários para o acesso às aulas, ou até mesmo uma Internet de qualidade que possibilitasse um bom andamento de visualização da aula, como é o caso da Internet dos dispositivos móveis que são de certa forma menos potentes, dificultando a visualização dos vídeos, além é claro das famílias que possuíam dificuldade de acesso aos meios tecnológicos.

O professor precisa ter sensibilidade (e as famílias e sociedade também para com o professor) de entender as pessoas que estão do outro lado da tela, seu aluno e família, entender as mudanças que a adaptação a essa forma de ensino gera. Mesmo de longe, neste período foi necessário “se colocar no lugar do outro” e tentar compreender os conflitos que todos passamos: “Se nosso cotidiano for construído diariamente nesse intuito de cuidar da coletividade é pelo acúmulo de ações que faremos a diferença. Porque ainda que os corpos não se toquem, que eles possam continuar se afetando” (PAIVA, 2020, n/p).

O professor teve um papel fundamental na construção dessa nova realidade. Conforme relata Costin et al (2020):

Foram os professores que tiveram que repensar seus planos de ensino, suas dinâmicas de aula, para um ambiente remoto. Na maioria dos casos, especialmente nas instituições privadas, o apoio para esta transformação foi, em um primeiro momento, focado nas tecnologias. Aprendemos a usar plataformas de web conferência, ferramentas de gravação de aulas, entre tantas outras. O trabalho se multiplicou, e o desafio de manter o aluno engajado em seu processo de aprendizagem, se tornou ainda mais intenso. (COSTIN, [et. al], 2020, p.36).

Percebe-se o professor como um grande agente na aprendizagem, em um curto espaço de tempo teve que modificar suas aulas e planejamento, pensando na realização dessas atividades em casa, foram muitas construções positivas para o

professor, que se tornou um profissional com mais conhecimento, já que viveu e ensinou em uma época que nunca se imaginou que aconteceria, aulas na Educação Básica, por exemplo, através da tecnologia. Certamente, serão professores com outra visão de sala de aula e de ensino, no fim tornará esses professores mais preparados para enfrentar os desafios da profissão, visto que aprenderam e reaprenderam em curto tempo novas possibilidades de ensino e buscaram novos instrumentos que possibilitam a aprendizagem.

Importante dizer que muitos professores já tinham experiências com aulas mediadas pelas tecnologias digitais pela formação que tiveram na graduação, com os ambientes virtuais de aprendizagem e pelas interações lá exercitadas. Mas, é inegável que a transposição dessa experiência para a docência na escola e para as aulas virtuais com as crianças exigiu recorrer aos saberes de experiência feitos (FREIRE, 2004).

Outro fator que deve ser levado em conta é o caso de a criança possuir um adulto mediando a realização de atividades, pois isso interfere na realização das atividades das crianças pequenas. Também temos a adaptação das atividades, pois nem todas famílias teriam os materiais necessários para a confecção do que era proposto, gerando adaptações, muitas vezes, com resultados diferentes daquele projetado pelo professor.

A criatividade foi algo essencial para a construção das aulas, pois, “é muito difícil, às vezes, deixar sua zona de conforto. É hora para os docentes e educadores em geral exercerem sua mente criativa, sua imaginação” (MACHADO, 2020, p. 32), buscar alternativas diferentes para realizar as atividades em casa, pensando em gerar curiosidade e provocando as crianças na aprendizagem de novas coisas. Nunca foi tão importante buscar e construir atividades criativas que procurassem envolver a criança na atividade proposta, já que o professor não poderia estar ao seu lado incentivando.

Outro ponto a ser mencionado é relativo às questões trabalhistas, pois, o professor durante o período da Pandemia da Covid-19, não teve carga horária fixa, tendo que trabalhar inúmeras vezes fora do horário de trabalho. A paixão pela profissão e por sua turma, mas também a necessidade de manter o emprego e salário, fez com que isso não fosse empecilho, mas foram muitos os desafios encontrados. Nesse contexto, falou mais alto a responsabilidade e a felicidade em



ver as crianças progredindo e aprendendo, fato que mobiliza o professor a continuar a sua luta, e evidenciar que a educação é a base de tudo.

Do outro lado das telas temos as crianças, que também tiveram de se reinventar, afinal ter o professor ao seu lado diariamente é diferente do contato virtual, que impossibilita o toque e o carinho direto. A aula virtual, por mais que o professor reinvente sua forma de trabalho, buscando sempre o melhor para a turma, ainda assim desperta menos interesse nas crianças da Educação Infantil, pois não é possível ocorrer o diálogo aberto e solto entre elas como geralmente acontece na aula presencial. Virtualmente isso é mais difícil de acontecer, o que acaba desmotivando a atenção para a aula.

Outro fator importante durante o isolamento por conta da Covid-19, foi a falta do contato e do convívio das crianças com outras crianças no ambiente escolar. Com esse contato é que elas conhecem a si mesmo e ao outro, criando desde pequenas laços afetivos, além da companhia que umas faziam às outras e as brincadeiras que tudo isso lhes proporcionava. Com as escolas fechadas as crianças acabaram ficando sem o contato com amigos, limitado ao convívio com os adultos, já que sua rotina tinha familiares e professores apenas, isso acabou gerando crianças que tiveram de inventar uma nova forma de brincar e se divertir, as brincadeiras passaram a acontecer solitariamente e com os contatos oportunizados pelas janelas das telas.

São as “novas coreografias sociais” das quais nos fala Paiva (2020, n/p). A autora pergunta: “O que priorizar em tempos de pandemia: o respirar ou toda uma potência vinculada ao viver?”. O distanciamento era necessário, mas como conviver com a ausência do contato físico? Segundo Paiva:

O dilema pode ser ético. Mas, eu confio que podemos ser criativos e encontrar soluções que garantam, ao mesmo tempo, a sobrevivência do respirar e também a sobrevivência dos afetos. Não nos esqueçamos de que as artes são lugares de potência afetiva que estão sob reinvenção. (PAIVA, 2020, n/p)

Essa falta de contato também está aliada aos longos meses em que as crianças ficaram dentro em casa, ultrapassando três estações do ano, isso acaba interferindo no processo de aprendizagem, pois, uma nova forma de aprender foi imposta necessariamente em função da Covid-19. É uma soma de todos os pequenos fatores do novo cotidiano dos estudantes que gera incertezas, referentes

a tudo. Se para os adultos é de difícil compreensão e aceitação, basta pensar no lugar deles: um novo tipo de aula, diferentes formas de atividades, nova forma de avaliação, falta dos amigos e da escola, impossibilidade de ir a parques. Foram muitas frustrações em um curto período de tempo, exigindo mais e de todos, conforme afirmativas de Machado:

É esse um tempo rico em temas para estruturar ou reestruturar as aulas, aulas nas quais os alunos não são simples ouvintes, mas pessoas que tem sentimentos e vivem crises existenciais; tempo em que se pode sensibilizar a procurar novos sentidos não só para a vida familiar, mas para a vida social e para a própria existência. (MACHADO, 2020, p. 35)

A criança precisa ser compreendida, ter visão sobre tudo que ela está passando nesse período é essencial para seu desenvolvimento e bem-estar, buscando sempre melhores alternativas e formas de uma melhor qualidade de vida, ainda que possível sobre o momento atual vivido.

Essas novas coreografias sociais durante a Pandemia da Covid-19, estiveram presentes na vida de todos, mas olhando para a realidade das crianças foi possível perceber todas as mudanças: os parques e praças deram espaço a brincadeiras dentro de casa; a troca entre colegas e amigos passou a ser feita dentro da própria família; o limite para as brincadeiras não passava da rua de sua casa; as festas de aniversário passaram a ser comemoradas dentro de casa com familiares; o trabalho *home office* que alguns pais adotaram, onde passavam o dia todo junto com seus filhos; o uso de plataformas digitais para realização de reuniões e conversas. Essas foram algumas das novas coreografias sociais que precisaram ser adotadas como medida de proteção durante todo o distanciamento social.

Podemos dizer que esse afastamento social acabou aproximando as famílias que, antes, em muitos casos, acabavam tendo apenas algumas horas juntos no final do dia. Aproximando também os pais e os filhos na vida escolar, pois era possível visualizar as atividades que iam ser desenvolvidas, participar de sua confecção e finalizá-las também. Antes, muitos pais participavam da escola somente durante a realização das reuniões.

Para a volta das aulas presenciais, é possível notar um novo formato de escola, com novas regras e outras adaptadas, pensando na segurança das crianças, professores e suas respectivas famílias, ou seja, novas coreografias sociais, também na escola, são requisitadas. Conforme escreve Paiva:

Lembremos de que a escola é um desses lugares-pólis composto por uma arquitetura extremamente rígida também composta por agentes responsáveis (figuras de autoridade) em coreografar os corpos (ou discipliná-los), obedecendo os preceitos da “Lei”. Parar, circular, fazer filas e permanecer sentado são posicionamentos que já ocorrem a depender do contexto. Pós-quarentena, isso será algo ainda mais enaltecido. (PAIVA, 2020, n/p)

Com isso, entende-se que a escola é um local constituído por regras já estabelecidas, com a Pandemia e o distanciamento elas foram modificadas e seguidas com mais frequência, mas tudo isso pensando na segurança de todos que a frequentam.

Essas mudanças não serão apenas em aspectos físicos da escola, professores também vão voltar de uma nova forma, cansados pela rotina das aulas virtuais conturbadas, mas com um novo e diferente olhar referente às aulas e ao ensino. A direção escolar também voltará de forma diferente, afinal administrar a escola em tempos de incerteza não é uma tarefa fácil. Já sobre as crianças, segundo Paiva (2020, n/p) “Também não podemos nos esquecer de que as crianças estarão afetadas por todo este período de isolamento e nos preparar quanto a isso também é essencial”, compreender a criança e perceber as drásticas mudanças em sua rotina de Pandemia é importante, pois dessa forma é possível recebê-las de volta à escola de forma receptiva e acolhedora. Com todas as mudanças físicas e pessoais podemos então destacar que:

É chegada a hora de olhar nos olhos, tocar o próprio corpo, ouvir e tocar música. Cantar. Dançar. **É a hora e a vez das artes serem a força motriz de todos os currículos:** da matemática à educação física. E de nós, professores, sermos bons ouvintes e espectadores a contemplar o que se apresentar. Oferecer boas referências e deixar as crianças e jovens conceberem seus projetos pessoais e coletivos talvez seja nosso papel. Há bons exemplos de escolas que já articulam conteúdos dessa maneira. (PAIVA, 2020, n/p, grifos da autora)

A escola precisa ser reinventada há muito tempo, no momento isso se faz necessário, quase que obrigatório, é papel de cada um fazer a sua parte, de cada professor ver com sensibilidade seu aluno e saber escutá-lo e possibilitando que ele seja o principal agente de sua aprendizagem, das famílias atuarem como mediadoras na aprendizagem, do poder público garantir as condições para que o direito à educação seja efetivado, da sociedade como um todo na atuação no território

educativo como também de sua responsabilidade no cuidado das gerações em formação.

#### **4 CAMINHOS DA ESCUTA: AS MÚLTIPLAS VOZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA DA COVID-19**

Para explorar o objeto de estudo definido inicialmente para este Trabalho de Conclusão de Curso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica buscando informações referentes à Educação Infantil e suas novas configurações ou “coreografias sociais” devido ao afastamento desencadeado pela Covid-19, buscando uma visão ampla dos aspectos relacionados ao tema e buscando virtualmente suporte teórico para a fundamentação.

Após ter um conhecimento mais aprofundado oportunizado pela pesquisa bibliográfica referente ao objeto de estudo, a pesquisa passou a ter seu andamento caracterizado como sendo uma metodologia quanti-qualitativa, com base nos autores Godoy (1995) e Ferreira (2015). Fazendo o uso de dois questionários virtuais como procedimento de construção dos dados, os quais foram construídos na Plataforma *Google Forms* e enviados pelo *WhatsApp* e também divulgados no *Facebook*. O primeiro instrumento continha 20 questões, sendo sete subjetivas e 13 objetivas, destinadas à escuta das professoras da educação infantil que atuam ou atuaram no período da Pandemia e ministraram suas aulas de forma online. O outro questionário foi direcionado aos pais das crianças da educação infantil que tiveram as aulas diretamente na sua casa e contou com 17 questões, sendo nove objetivas e oito subjetivas.

Com base nos dois instrumentos de pesquisa citados acima, foi possível ir em busca de respostas ao questionamento inicial proposto como problema de pesquisa: Como a Pandemia da Covid-19 modificou o cotidiano da docência, da aprendizagem e da organização familiar nas escolas de Educação Infantil?

A pesquisa quantitativa tem a preocupação com uma amostra probabilística, com possibilidades de generalização dos resultados, com abrangência do maior número de sujeitos que vivem a situação vinculada à temática pesquisada. Por isso, os instrumentos mais fechados, com questões mais objetivas, sem margem para a manifestação de situações que fujam das alternativas apresentadas, facilitando a tabulação e construção das conclusões. Segundo Ferreira (2015, p.115). “uma pesquisa só terá validade científica, se der margem à classificação, testagem de hipótese, medição e tabulação”, este método se preocupa com as quantidades

referentes ao que foi analisado, facilitando as comparações entre os grupos de sujeitos participantes da pesquisa.

Já a pesquisa qualitativa, tem um caráter mais aberto, com instrumentos que oportunizam a expressão de opiniões, de descrição de situações, envolvendo as subjetividades de quem vive a temática investigada. De acordo com Godoy (1995), a partir das pesquisas de natureza qualitativa,

[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p.21)

A pesquisa qualitativa se baseia no subjetivo do objeto pesquisado, nela não se buscam os números e as quantidades para contabilizar as respostas obtidas com essa pesquisa são abertas e não objetivas, deixa-se a pessoa que está respondendo ao questionário, por exemplo, à vontade para escrever seus desejos, medos sentimentos. Ainda, em sintonia com Godoy (1995, p. 21), esse tipo de pesquisa “não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques”.

Ao utilizar os dois métodos para a pesquisa, busca-se uma melhor compreensão do objeto de estudo, obtendo-se assim resultados numéricos, mas também a compreensão das narrativas, do vocabulário empregados, dos sentimentos expressos e relacionados ao tema. A combinação quanti-qualitativa, segundo Ferreira (2015, p. 119), “(...) favorece o enriquecimento da investigação. Assim sendo, o contexto dessas abordagens, garante uma complementaridade necessária neste intenso e persistente trabalho de análise do objeto de estudo”. Com isso, entende-se que tanto uma abordagem qualitativa quanto a quantitativa venham a contribuir e acrescentar para a pesquisa a ser desenvolvida.

Os instrumentos de pesquisa destinados para os pais e para os professores foram encaminhados pelas mídias já sinalizadas no período de 21 de abril de 2021 a 05 de maio de 2021. Não houve preocupação com a definição de uma amostra significativa de participantes, mas, ao contrário, procurou-se acolher os sujeitos que

se sentiram motivados a participar através do chamamento feito. Assim, foi possível contar com a colaboração de 14 familiares e 10 professoras de crianças que estavam matriculadas na Educação Infantil em 2020 ou começo de 2021.

As pesquisas online têm seu respaldo no que aponta a possibilidade de continuidade dos trabalhos acadêmicos, pois permite que as pesquisas sejam virtuais, onde cada pessoa de sua casa consiga responder ao questionário ou conversar virtualmente.

Esse tipo de pesquisa permite que pessoas distantes acessem esse meio. É importante que quem a criou se apresente e deixe a pessoa do outro lado da tela confiante e que fique à disposição para o esclarecimento de dúvidas, pois sabe-se que a Internet pode ser um local com certo perigo para aqueles que não possuem o conhecimento sobre a rede (RIBEIRO, 2020).

As pesquisas online são uma nova forma de comunicação, que permitem, por exemplo, a possibilidade enviar um questionário para uma pessoa que mora em outro estado, ou até mesmo outro país, as pesquisas online acabam aproximando as pessoas e criando novas possibilidades de pesquisas, devem ser utilizadas, pois permitem o desenvolvimento das pesquisas, com segurança, mesmo durante o distanciamento social por conta da Pandemia. Embora sem a interação direta com os participantes desta pesquisa, as ferramentas das tecnologias digitais possibilitaram a sua realização, mesmo em um período de Pandemia.

## **5 ECOS DA ESCUTA DAS MÚLTIPLAS VOZES: A EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA**

Após a fundamentação teórica foi realizada uma pesquisa de campo, utilizando o Google Forms, com dois questionários: um desenvolvido para as professoras da Educação Infantil, e outro direcionado aos pais de crianças matriculadas nesta fase escolar nos anos de 2020 ou começo de 2021. Os instrumentos de pesquisa foram divulgados e compartilhados pelo Facebook e WhatsApp. Os dados que acompanharam as interações dos participantes nos instrumentos de pesquisa foram organizados, algumas respostas de perguntas foram tabuladas e outras foram descritas, contextualizando as narrativas que perpassaram a pesquisa realizada.

### **5.1 AS VOZES DAS PROFESSORAS**

Embora os instrumentos de pesquisa tivessem ficado disponíveis para a participação livre das possíveis professoras colaboradoras, no período de 21 de abril de 2021 a 05 de maio de 2021 retornaram respondidos apenas 10 questionários de professores.

Inicialmente foram realizadas questões de cunho sociográfico, procurando obter os dados dos participantes, como idade, sexo, experiência profissional, local de atuação, formação, entre outros.

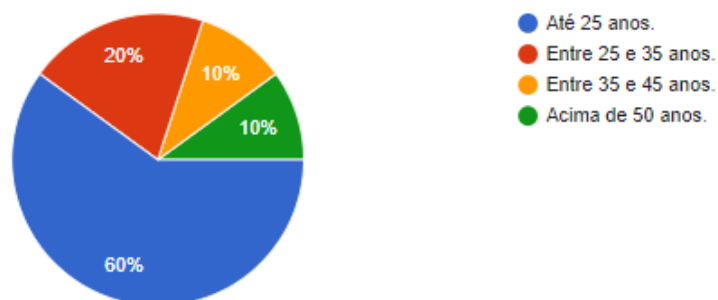
Entre as dez professoras participantes da pesquisa: 60% estavam situadas na faixa etária até os 25 anos de idade; 20% entre 25 e 35 anos; 10% entre 36 e 45 anos; e, também, 10%, entre 46 e 50 anos, conforme ilustra a Figura 1, evidenciando se tratar de um grupo bastante jovem.



Figura 1 – Idade das professoras participantes da pesquisa

1- Qual a sua idade?

10 respostas



Fonte: Elaborado pela autora a partir da plataforma Google Formulários

Geralmente as professoras que atuam na Educação Infantil são do sexo feminino, tem formação em Pedagogia, em alguns casos elas iniciam sua carreira nesta fase da Educação Básica, a maioria se identifica com as crianças mais pequenas e com os cuidados básicos necessários, por isso atuam nesta fase.

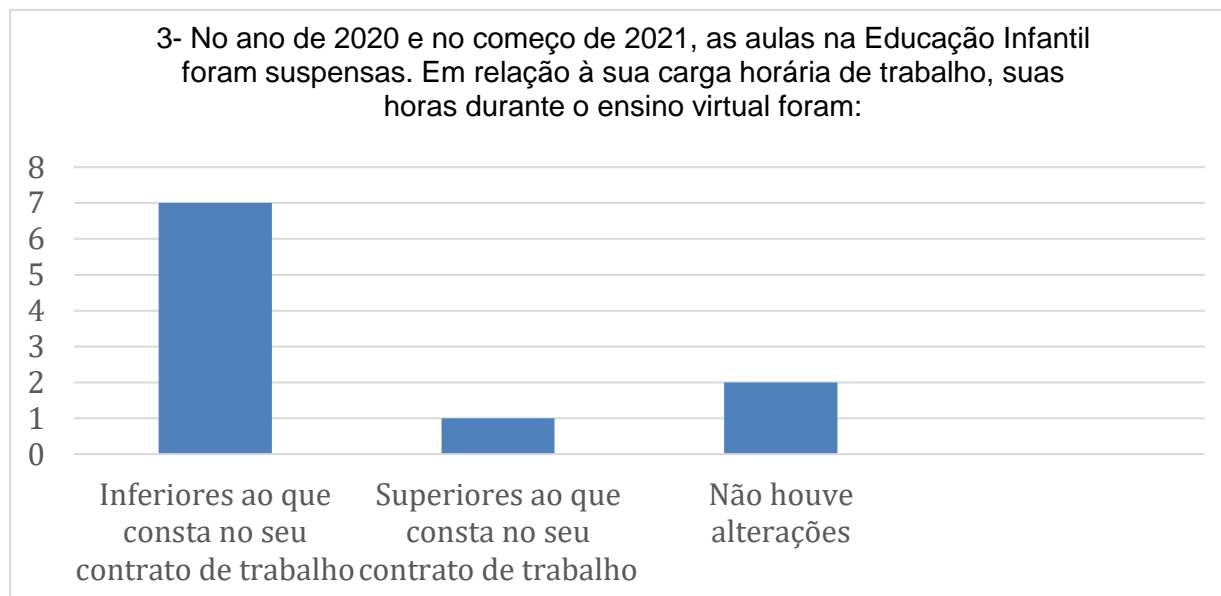
A questão seguinte abordada no questionário dizia respeito à natureza da escola onde os professores atuam, se é pública ou privada. Como é possível analisar: 70% dos professores atuam na rede privada; 30% trabalham em escolas públicas; portanto mais da metade dos professores que responderam ao questionário trabalham em escolas privadas.

Após as duas questões iniciais referentes à sociografia dos participantes, o instrumento de pesquisa previa questões para o levantamento da realidade de atuação das professoras na Pandemia e nas aulas virtuais, as quais procuraram conhecer um pouco sobre a organização pessoal, as adaptações feitas e os materiais necessários para enfrentar o novo momento do cotidiano da Educação Infantil.

A questão número três dizia respeito à carga horária dos professores que estavam trabalhando em *home office* comparada com a que estava em seu contrato. Foi possível perceber que para a grande maioria das participantes, a carga horária foi reduzida, foram sete professoras, ou seja, 70% dos casos. Já duas professoras relataram não terem alterações o que corresponde a 20% da amostra e, as 10%

restantes informaram que tiveram sua carga horária superior a indicada no contrato, ou seja, apenas uma professora estava com mais horas, conforme ilustra a Figura 2:

Figura 2– Carga horária de Trabalho na Pandemia

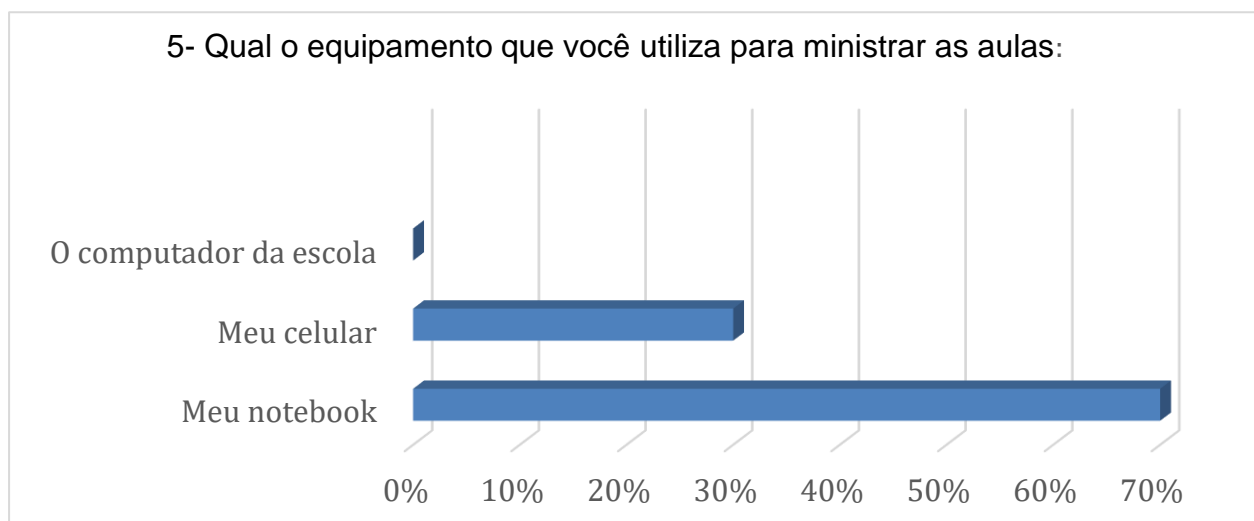


Fonte: elaborado pela autora a partir da plataforma Google Formulários

A questão quatro se referia ao local que a professora ministrava suas aulas, obtiveram-se os seguintes resultados: 90% dos participantes relataram que as aulas aconteciam das suas casas; apenas 10% iam para a escola ministrar aulas, ou seja, eram poucas aquelas que utilizaram o espaço da escola para o encontro com as crianças, mesmo assim, manteve-se o isolamento colocando no professor a responsabilidade de buscar recursos como computador, celular e Internet de qualidade para ministrar suas aulas de forma adequada.

Sobre a questão seguinte, numerada como sendo a quinta, relativa ao equipamento utilizado para ministrar as aulas: 70% marcou que utilizava seu notebook; 30% utilizava o seu telefone celular; a última alternativa era o computador da escola, mas nenhuma participante marcou essa opção, com isso percebe-se que as professoras precisaram providenciar seus próprios equipamentos para desempenhar suas funções docentes. O Notebook, apesar de ser um dispositivo de valor elevando, foi o mais utilizado, talvez por facilitar a visualização das aulas, como se pode analisar o gráfico abaixo:

Figura 3 – Equipamento utilizado para ministrar as aulas:



Fonte: elaborado pela autora a partir da plataforma Google Formulário.

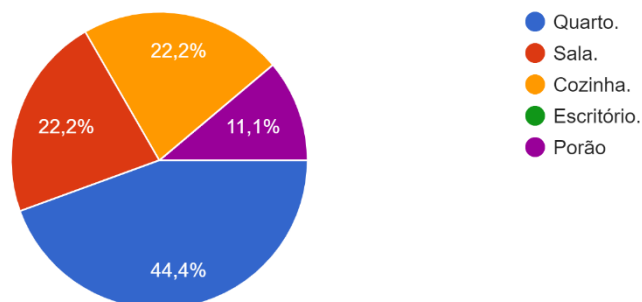
Referente à questão de número seis, cujo foco procurava saber se os professores tiveram que alterar o plano de sua Internet para obter mais velocidade na transmissão das aulas, a grande maioria, ou seja, nove entre as dez participantes respondeu que não precisou alterar, apenas uma das professoras modificou seu plano.

A questão sete, indagava qual o cômodo da casa utilizado para ministrar as aulas: sendo que 44,4% utilizavam o próprio quarto; 22,2% utilizavam a sala da residência; e as demais, 22,2% permaneciam na cozinha. Ainda tínhamos como opção o escritório, mas ninguém marcou essa alternativa. Foi acrescentada a opção do porão por uma das participantes, segue o gráfico abaixo:

Figura 4– Local onde as aulas eram ministradas na Pandemia:

7- Se você ministra as aulas no espaço de sua residência, qual o cômodo da casa é utilizado para isso?

9 respostas

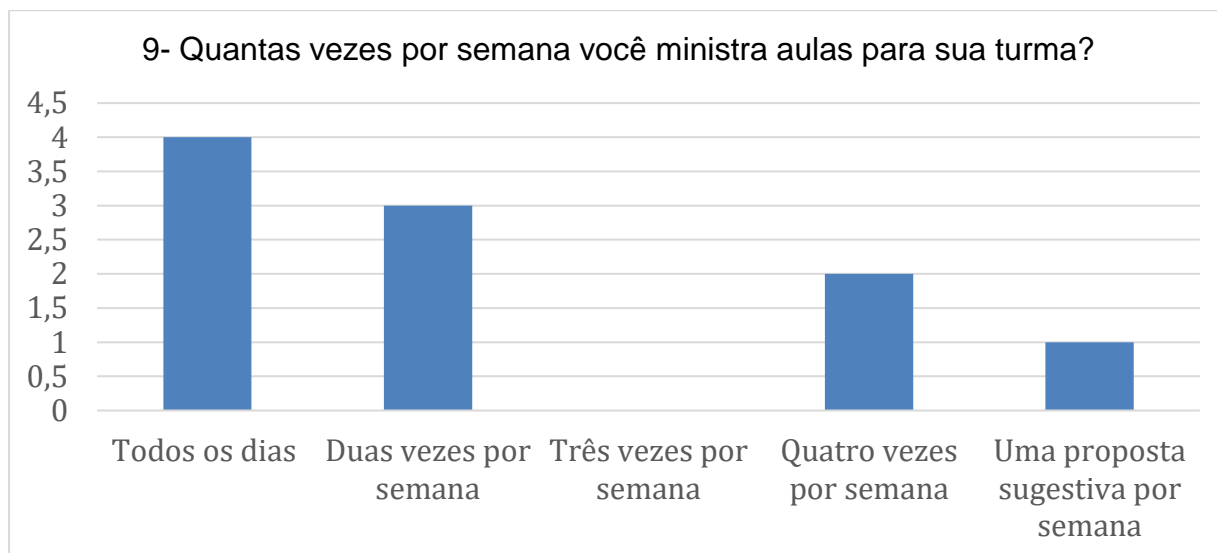


Fonte: elaborado pela autora a partir da plataforma Google Formulários.

A questão seguinte, de número oito, procurou levantar em que turno do dia as aulas aconteciam: sendo que 60% utilizavam a parte da tarde; 20% conectavam no vespertino; e 10% tiveram que adaptar o horário das aulas para a noite; por fim, 10% utilizavam as manhãs. Como observado, cada escola buscou um melhor horário para sua comunidade escolar, com o objetivo de alinhar com os horários em que algum familiar pudesse auxiliar a criança durante a realização das aulas. Ao analisarmos que algumas escolas adotaram o vespertino como turno para a realização das aulas, percebemos que a centralidade da criança foi deixada de lado, priorizando esse horário para a mediação dos pais, mesmo sendo tarde para as crianças, que com o passar do dia acabam cansadas nesse turno, dessa forma desmotivadas para a realização das aulas virtuais.

Sobre a questão número nove, relativa à quantidade de aulas ministradas por semana, os resultados foram os seguintes: quatro professoras ministravam aulas todos os dias; três professoras informaram ser duas vezes por semana; duas participantes indicaram ser quatro vezes por semana; e, por fim, apenas uma participante marcou uma vez na semana. Esse dado indica que cada escola ajustou a organização da carga-horária semanal segundo as suas possibilidades e/ou necessidades e disponibilidades das famílias.

Figura 5 – Carga-horária semanal para ministrar as aulas virtuais às crianças:



Fonte: elaborado pela autora a partir da plataforma Google Formulários.

Por sua vez, a questão de número 12, que diz respeito às condições para ministrar as aulas virtuais como, por exemplo, materiais didáticos, apoio pedagógico, equipamentos e espaço físico adequados para a realização das aulas virtuais, com as opções sim, não e em parte, observa-se que: 40% responderam que consideram ter as condições para ministrar as aulas; outros 40% disseram que isso ocorre em parte; e os 20% consideraram que não possuem as condições adequadas para o desempenho de sus funções docentes na Educação Infantil.

A pergunta de número 13 solicitava que o professor justificasse sua resposta à questão 12, ou seja, que informasse o porquê considera ter, não ter ou em parte as condições para ministrar as aulas virtuais. Dentre as justificativas, foi ressaltado por uma participante que o motivo é pela “Falta apoio pedagógico” (Professora até 25 anos).

As professoras tiveram de buscar novas formas de ministrar suas aulas e, embora muitas escolas possuam coordenação e supervisão, em alguns casos o auxílio que o professor precisaria não lhe foi dado, deixando ao seu critério a busca das soluções para os enormes desafios apresentados pelas aulas virtuais na Educação Infantil.

Todos aprenderam novos procedimentos e se reinventaram a partir de suas competências pessoais ou daquelas buscadas na formação ao nível da graduação e/ou nas formações continuadas oportunizadas previamente a Pandemia, pela

escola ou através de procura individual. Entende-se que é papel da escola, da equipe pedagógica e gestora, criar as condições para o pleno exercício da docência, como forma de minimizar as dificuldades que já não eram pequenas, buscando dessa forma tornar mais leve a forma do trabalho *home office*.

Outro fator observado diz respeito à falta de materiais, afinal novas coisas foram confeccionadas para possibilitar o desenvolvimento das aulas, já que agora ocorriam de forma virtual, a escola disponibilizava apenas o que já possuía para as aulas presenciais, mas, com as adaptações exigidas pela Pandemia, muitos professores tiveram que fazer investimentos pessoais para adquirir minimamente alguns recursos didáticos para tal.

Após conhecer um pouco da realidade das professoras e adaptações para o exercício de sua docência na Pandemia, procurou-se olhar para o modo como as aulas foram e são desenvolvidas virtualmente com crianças pequenas, ou seja, como enfrentam o desafio de manter o interesse e atenção das crianças, bem como a interação através das "janelas de aula". As questões de número 10, 11, 16 e 17 trataram desse assunto.

A questão número 10, tinha por objetivo compreender se os professores acreditam que através das aulas virtuais, conseguem dar a assistência que gostariam para suas crianças: a resposta mais marcada foi "em parte", com 50% das participantes; com 40% tivemos o não como resposta; e apenas 10% considera dar a assistência que gostaria. Isso revela que, ao mesmo tempo em que houve uma grande mobilização na tentativa de garantir minimamente as aprendizagens das crianças, ainda há muitos limites, devido à dificuldade de manter a atenção das mesmas. A corporeidade também fica prejudicada, pois a mobilidade das crianças em frente à tela fica reduzida.

A questão 11, solicitava uma justificativa referente à resposta escolhida na questão 10, ou seja, justificar o porquê de os professores considerarem que conseguem ou não dar a assistência que gostariam para suas crianças durante as aulas virtuais. Conforme explicitado em capítulo anterior, sabe-se que os pais costumam realizar as atividades pelas crianças no intuito de auxiliar, mas isso de fato acaba prejudicando a aprendizagem, como podemos verificar na fala de uma professora que respondeu ao questionário: "Os pais fazem tudo pelas crianças, prejudicando a aprendizagem delas". (Professora até 25 anos)

Compreende-se a Educação Infantil como uma fase essencial no desenvolvimento das crianças, pois é através dela que se aprimoram os hábitos da vida cotidiana, como lavar as mãos, escovar os dentes e vestir. A Educação Infantil baseia-se no lúdico e na estimulação, o que durante a Pandemia e as aulas virtuais acabaram sendo prejudicados, como pode-se analisar: “Acredito que a distância não me permite acompanhar o desenvolvimento integral dos meus alunos. Observar questões de autonomia, coordenação motora, equilíbrio, linguagem oral, etc.” (Professora até 25 anos). Visualizando essa resposta, percebe-se a base da Educação Infantil e a importância da presencialidade como elementos primordiais, pois é através do olhar da observação que as professoras identificam lacunas e potencialidades da criança e planejam ações para a estimulação.

Compreende-se também a necessidade de as crianças terem um adulto para a realização das aulas, afinal são pequenas e precisam de alguém para mediar as aulas e elas, como afirma uma professora: “A aula online não permite que o professor auxilie o aluno em certas atividades, por isso o mesmo precisa estar acompanhado de responsável na aula”. (Professora de até 25 anos)

Mas, nessa relação escolar professor e criança, durante a Pandemia da Covid-19, tivemos novos membros nesse meio, que desempenharam um papel fundamental na realização das aulas: os familiares, seja o pai, mãe, avó, tio, prima ou irmão. Por exemplo, em determinada aula será realizada uma atividade com tinta, sendo necessário um pote com água e um pano para limpar o pincel quando realizar a troca de cor, as crianças ainda não conseguem organizar esse material, descobrindo um pote e pano que podem ser utilizados para isso, para encher de água, geralmente as pias e torneiras estão em posições altas, sendo que um adulto necessita realizar essa função.

O exemplo segue para mostrar que o papel do familiar não é assumir o lugar da professora, muito menos realizar as atividades para a criança, mas sim fazer uma mediação entre ela e a aula ofertada. Segundo o dicionário, podemos definir a mediação como: “Ação de auxiliar como intermediário entre indivíduos ou grupo de pessoas; intervenção” (DICIO, 2021), ou seja, não se deve tomar o lugar ou imitar a professora, mas sim auxiliar da forma que a criança necessite, tendo todo o cuidado para não acabar retirando o seu protagonismo no processo de aprendizagem.

Em muitos casos, os familiares acabam realizando a atividade pela criança, por “achar que não consegue”, “é difícil”, “está demorando muito”, em função desses

argumentos acabam por desenhar, pintar, recortar e colar pelos pequenos para logo terminar a atividade, despreocupando-se com a real e significativa aprendizagem que seu filho teve sobre essa atividade.

Isso é comum de acontecer, mas não acontece por maldade e nem é planejado, é a simples atitude de tentar ajudar a criança na realização das atividades, assim como em fatores do dia a dia que quando os adultos percebem certa demora ou insegurança vão tentar ajudar ou fazer o que a criança está com dificuldade. É o instinto falando mais alto, pois é difícil ver a criança tentando e repetindo as atividades até conseguir realizá-las. Outras vezes, é a falta de paciência, e a ânsia de resolver tudo logo, sem esperar o tempo de maturação da criança.

O que esses adultos não sabem, é que justamente é essa pequena “dificuldade” que permite que a criança aprenda e se desenvolva, que busque respostas para o que não consegue responder, para que descubra diferentes e novas coisas para levar para toda sua vida.

Os adultos que acompanham as aulas com as crianças têm papel fundamental exercendo a mediação para ajuda-las a assistir às aulas, é uma tarefa desafiadora e bastante necessária, mas ver que a aprendizagem está sendo realizada e compreendida pela criança, vale todo o esforço e dedicação, afinal é a educação que muda o mundo.

Em nenhuma outra oportunidade pensaríamos que os adultos responsáveis pela criança poderiam estar presentes durante a aula, é algo que somente por causa da Pandemia da Covid-19 pôde acontecer, possibilitando que o trabalho exercido pelos professores e sua forma de dar aula sejam visualizados pelos adultos, afinal:

Pais foram convocados a participar ativamente – ainda que nem sempre de forma entusiasta – da vida escolar do seu filho, auxiliando nas tarefas, compartilhando o espaço na mesa ou no escritório, dividindo o celular, o tablet, o computador. A necessidade (re)cria laços. (MACHADO, 2020, p. 70)

Os familiares puderam se aproximar mais de seus filhos e acompanhar um pouco sobre as aulas, do trabalho da professora e das aprendizagens compreendidas no decorrer desse tempo.

A questão 16 era objetiva e dizia respeito ao interesse das crianças nas aulas virtuais em relação ao ensino presencial, com um número expressivo de

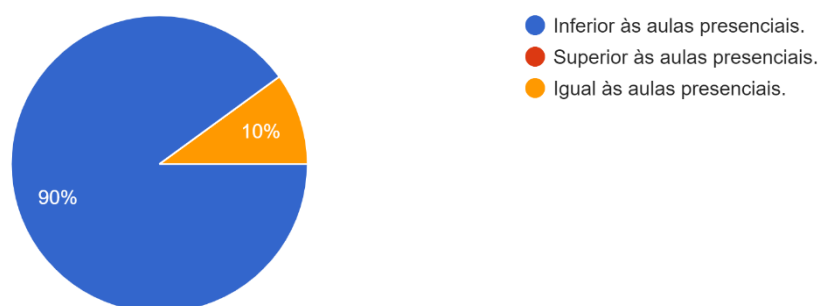


80% dos participantes concordam que o interesse dos estudantes nas aulas virtuais é inferior ao das aulas presenciais, já 10% considerou ser igual, e nenhuma das professoras considera que os alunos têm um interesse superior nas aulas virtuais, com isso destaca-se a importância do ensino presencial e do fato de que nenhuma tela substitui uma sala de aula.

A questão seguinte é a número 17, e se refere a como o professor percebe a aprendizagem das crianças em relação às aulas virtuais. Obteve-se o resultado de 90% de respostas que consideram que as crianças têm aprendizagem inferior relacionada às aulas presenciais, 10% consideram que o aprendizado ocorre de forma igual, novamente ninguém marcou a opção de as aprendizagens serem superiores as aulas presenciais, indicando novamente a importância da presencialidade na Educação Infantil.

Figura 6 – Sobre o nível de aprendizagem das crianças nas aulas virtuais:

17- Como você percebe a aprendizagem das crianças em relação às aulas virtuais?  
10 respostas



Fonte: elaborado pela autora a partir da plataforma Google Formulários.

Em um momento tão delicado é importante tentar compreender e conhecer os sentimentos que as pessoas têm, com isso foram elaboradas as questões 14, 15 e 18 buscando conhecer qual o sentimento que acompanha as professoras nessa reconfiguração da Escola de Educação Infantil provocada pela Pandemia da Covid-19.

Ao escreverem sobre as maiores dificuldades e desafios que encontraram nas aulas virtuais, tópico da questão 14, foi possível observar que as dificuldades comentadas, já foram abordadas anteriormente, concretizando o que foi explícito, como por exemplo o contato necessário ser presencial, as professoras relatam sentir

falta de “Realizar atividades lúdicas, pois a criança não tem interação através da tela, é difícil realizar brincadeiras que desenvolvam as habilidades necessárias por essa modalidade de ensino”. (Professora de até 25 anos).

Compreende-se que a criança da Educação Infantil precisa da ludicidade, pois é através desse princípio que ela consegue aprender e se desenvolver, as aulas virtuais dificultaram um pouco isso, afinal as telas não substituem o contato ao vivo, por mais que o professor se esforçasse buscando novos meios, ainda não era possível substituir contato presencial das aulas, segundo a BNCC (2018, p.38) um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil é: “Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas”. A criança precisa conviver com outras e ter contato com as mesmas, pois isso ajuda em seu desenvolvimento e nas novas descobertas.

Como se sabe, as crianças possuem tempos de concentração diferentes, crianças bem pequenas conseguem se manter em alguma atividade por poucos minutos, depois acabam se distraindo e perdendo o interesse. Criar alternativas que gerem o interesse e a curiosidade das crianças nas aulas virtuais é algo a ser pensado, pois se os adultos acabam cansando de passar horas na frente de uma tela, quem dirá as crianças, por isso o professor teve a difícil missão de buscar alternativas que tornassem as aulas mais atraentes para os pequenos, como é possível analisar nas falas abaixo:

“Dificuldade que todos participem, que fique interessante ao mesmo tempo chamativa pro meu aluno” (Professora, entre 25 e 35 anos).

“Eles se distraem, pois falam muito, têm necessidade de estar sempre falando” (Professora, acima de 50 anos).

“As crianças se distraem facilmente, dificuldade de conversar” (Professora de até 25 anos).

“Elas estarem em casa, com familiares conversando faz com que não haja foco nas aulas” (Professora de até 25 anos).

As influências dos fatores externos foram bem destacadas pelas participantes da pesquisa, pois consideram que atrapalham a concentração como, por exemplo, a presença dos familiares ao lado da criança, gerando dessa forma conversas paralelas que acabam por desconcentrar o estudante

Sobre a questão 15, a intenção era levantar qual o ponto positivo das aulas virtuais, o que os professores aprenderam, criaram. As respostas foram unânimes, todas se referiram à tecnologia e de como aprenderam a utilizá-la. A tecnologia está presente na vida de todos, aliar ela a educação é necessário e torna as aprendizagens mais atrativas, como vamos verificar nas respostas do questionário, referente às descobertas:

<p>“No meu caso foi um grande aprendizado, pois não tenho grande habilidade com a tecnologia...” (Professora entre 35 e 45 anos).</p> <p>“Descobri muitos vídeos interativos para passar em aula e formas de uso da tecnologia.” (Professora de até 25 anos).</p> <p>“Descobri diferentes ferramentas/aplicativos para editar os vídeos e fotos” (Professora de até 25 anos).</p> <p>“O uso da tecnologia, a ajuda dos pais.” (Professora de até 25 anos).</p>
--

Além do destaque às tecnologias e o quanto permitiram que a escola não paralisasse, uma das participantes salientou como positiva a ajuda dos pais, destacando o quanto isso foi fundamental para a realização das aulas, e os professores puderam perceber de uma nova forma os pais ligados na educação de seus filhos.

Continuando a análise, a questão 18 se referia ao sentimento dos professores em relação a tudo que aconteceu durante a Pandemia, ao fato de as escolas fecharem, a implantação das aulas virtuais, o desenvolvimento das aulas através de um link e não em uma sala de aula. A fala a seguir representa boa parte dos sentimentos expressados: “Me senti feliz em ver meus alunos e triste por não poder dar aula da forma que gostaria”. (Professora de até 25 anos)

Os pais acabaram virando os novos membros, auxiliavam a criança e acabavam participando junto, conversando com a professora e demais colegas, foi algo marcante, pois na correria do dia a dia isso nunca foi pensado, os pais participando das aulas com seus filhos, como é possível ver: “De pais conhecerem o real trabalho dos professores” . (Professora entre 25 e 35 anos)

Durante esse período os pais puderam conhecer um pouco quem é a professora de seus filhos, seus colegas e a forma como as aulas acontecem, como a criança aprende e os desafios diários dos professores, os pais passarão a ver as professoras com um novo e diferente olhar.

Obtiveram-se respostas de professoras que consideram o contato e o presencial inevitável e necessário:

“As crianças nesta fase necessitam de atividades que envolvam movimento, interação, participação ativa em brincadeiras, resolução de conflitos que a convivência permite, aprender a realizar tarefas do cotidiano (se alimentar, vestir-se...). Vejo que a modalidade virtual não permite esta convivência e aprendizagem”. (Professora de até 25 anos).

Tínhamos duas questões que permitiam que as professoras relatassem como se sentiram ao participar da pesquisa e dava abertura para que expressassem algo que gostaria de dizer e não foi abordado no questionário, conforme exemplifica o seguinte depoimento: “Acho muito importante compartilhar as nossas experiências e poder auxiliar nossos colegas” (Professora entre 35 e 45 anos).

A questão 20 diz respeito se o participante gostaria de falar mais alguma coisa, quase todos concordaram que os principais aspectos já haviam sido pontuados na pesquisa.

Com isso, pode-se perceber que as professoras da Educação Infantil tiveram um grande desafio durante a Pandemia e as aulas virtuais, pois tiveram de buscar materiais e encontrar uma nova forma de dar aulas por meio de telas. Observa-se o papel dos professores segundo Rocha e Royer (2020):

O papel dos educadores é, nesse sentido, articulado e complexo e cheio de responsabilidades, pois eles são, necessariamente, aqueles que compõem o ambiente de aprendizagem para que ela aconteça. A maneira diferente como esses materiais, objetos e brinquedos são colocados é a maneira como ele se responsabiliza com relação à prática pedagógica que acontecerá, a qual, portanto, produzirá efeitos diferentes quanto ao crescimento cognitivo, afetivo e social das crianças. (ROCHA; ROYER, 2020, p.173)

Com isso compreende-se a importância do professor, pois eles realizam a mediação entre a criança e a aprendizagem, durante as aulas virtuais isso também aconteceu, o que mudou foram os meios ao seu redor, a sala de aula deu espaço à casa das crianças.

## 5.2 AS VOZES DOS FAMILIARES

Através das redes sociais como *Facebook* e *WhatsApp* foi divulgado o questionário direcionado aos pais das crianças matriculadas em escolas de educação infantil, ao total 14 pais responderam ao questionário, ele contava com 17 questões, sendo 10 objetivas e sete dissertativas, a seguir será possível verificar o resultado da pesquisa. As primeiras questões são de cunho sociográfico, pois buscam conhecer um pouco sobre o participante da pesquisa, os dados gerais.

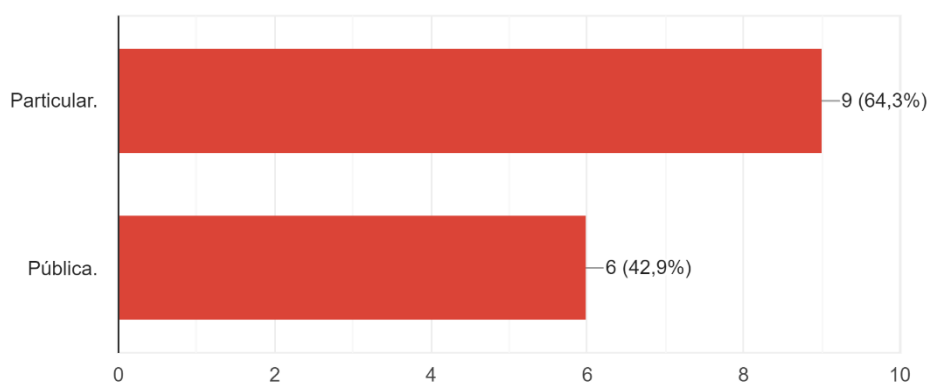
A questão número um tinha por objetivo conhecer a faixa etária dos participantes, obteve-se o seguinte retorno: 64,3% tem entre 35 e 45 anos; 21,4% tem entre 25 e 35 anos; com 7,1% até 25 anos; e por fim 7,1% acima de 50, como é possível analisar grande parte dos participantes da pesquisa tem de 25 a 45 anos.

Após verificar-se a idade, foi questionada a rede de escolas onde o filho estava matriculado, desta forma 64,3% participantes faziam parte das escolas particulares. Já os 42,9% eram de escolas públicas.

Figura 7– Idade dos familiares participantes da pesquisa

2- A escola de seu/sua filho(a) pertence a qual rede de ensino?

14 respostas



Fonte: elaborado pela autora a partir da plataforma Google Formulários.

Após situar quem são os familiares participantes da pesquisa, inicia-se o questionário com perguntas relacionadas às aulas e à Pandemia, procurando conhecer como cada família se organizou para o desenvolvimento das aulas virtuais, quais os espaços e tempos disponibilizados para isso, quais os desafios enfrentados e quais aprendizagens ocorridas.

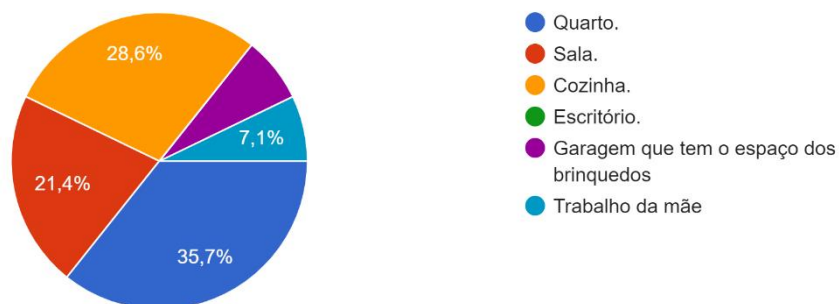
Buscávamos conhecer o dispositivo utilizado para assistir as aulas virtuais e, através da questão número quatro, obteve-se o seguinte resultado: 57,1% utilizavam o telefone celular; já 42,9% o notebook; sobre a opção desktop ninguém assinalou.

A questão seguinte, de número cinco, tinha por objetivo conhecer um pouco da realidade das aulas virtuais, solicitando que respondessem em que cômodo da casa as crianças assistiam as aulas virtuais, com isso os resultados foram bem divididos, como observa-se: 35,7% assistem no quarto; 28,6% assistem na cozinha; já 21,4% na sala; no trabalho da mãe 7,1%; ainda, um familiar adicionou a alternativa “garagem que tem o espaço dos brinquedos” que ficou com 7,1%; nenhum participante marcou o escritório. Como foi possível verificar, as famílias possuem realidades diferentes, cada uma encontra um melhor ambiente para a realização das aulas, de acordo com suas condições, conforme ilustra o gráfico abaixo:

Figura 8- Sobre o cômodo utilizado para assistir as aulas virtuais

5- Qual o cômodo da casa é utilizado para assistir as aulas virtuais?

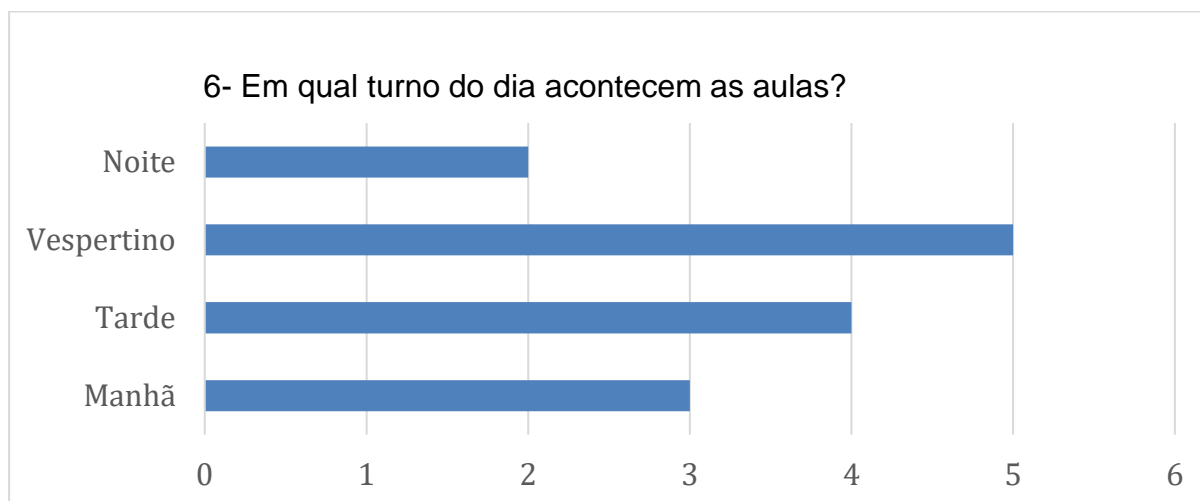
14 respostas



Fonte: elaborado pela autora a partir da plataforma Google Formulários.

A questão número seis indagava sobre o turno em que as aulas aconteciam. As respostas nessa questão também foram divididas: com 35,7%, ou seja, cinco participantes, assinalaram o vespertino; 28,6% à tarde, somando quatro pais; 21,4%, que corresponde a três pais, dizem que as aulas ocorrem de manhã; e por fim apenas 14,3% responderam que acompanham os filhos nas aulas no turno da noite. Com isso, compreende-se que cada escola, em função das realidades das famílias que compõem a comunidade escolar, busca o melhor turno para que as aulas aconteçam.

Figura 9- Turno do dia que as aulas aconteciam



Fonte: elaborado pela autora a partir da plataforma Google Formulários.

Seguindo a análise das respostas, chega-se na questão sete que busca conhecer a frequência na qual as crianças participavam das aulas, segue o resultado: 57,1% têm aulas todos os dias; 14,3% quatro vezes por semana; 7,1% duas vezes por semana; ninguém marcou a opção três vezes por semana; obtiveram-se três novas respostas, pois os participantes poderiam acrescentar a opção “outra” caso não se encaixasse nas alternativas, portanto: 7,1% diz que “a escola mandou somente quatro atividades durante a Pandemia”; 7,1% diz que “devido ao trabalho não consigo conciliar o horário”.

Com as respostas, é possível verificar que nem todas escolas aderiram às aulas online síncronas, pois os pais relataram que faziam as aulas quando podiam. Observou-se ainda o pai ou mãe que diz que foram enviadas apenas quatro atividades durante a Pandemia e faz refletir sobre o cotidiano da educação na Pandemia, pois, no decorrer de no mínimo sete meses, muitas alternativas foram construídas e outras tantas ficaram sem respostas, a exemplo do ocorreu com a criança matriculada na escola que a família relata ter recebido apenas quatro atividades para ser desenvolvida. Sobre isso, Costin et al (2020), menciona:

Se a atual pandemia está servindo de laboratório para a educação do futuro, que nossos olhos não se restrinjam ao que está sendo visto no microscópio. Pode ser que ali estejamos vendo resultados interessantes, mas é preciso levantar a cabeça e olhar ao redor. Espero que quem pesquisa, comenta, pauta e opera projetos e políticas de educação consiga

enxergar também todas as pessoas, relações e condições que formam esse grande, complexo e humano laboratório. (COSTIN et al, 2020, p.29)

Como já abordado anteriormente, a educação virtual infelizmente não é para todos, muitos não têm condições de participar ou informam dificuldades no acesso.

A questão número 13 pedia aos familiares que contassem um pouco sobre a organização do ambiente de estudos dos filhos, descrevendo como é o espaço de estudo. Obtiveram-se inúmeras descrições relatando as mudanças feitas dentro das casas, ou até no trabalho para a realização das aulas, ao ler as falas consegue-se perceber as diferentes realidades das crianças, vendo que algumas têm um espaço reservado a isso, outras organizavam o material minutos antes das aulas, como é possível observar:

“O ambiente tentamos deixar organizado, mas não temos um lugar específico para tornar as aulas melhores em casa não é ambiente de escola. Criança precisa de criança”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

“Ele tem uma escrivaninha no quarto onde ele guarda todos os materiais. Meia hora antes da aula, meu filho organiza o material, liga o computador e fica esperando. Quando acaba a aula ele desliga o computador, guarda o material e não quer mais saber de aula naquele dia kkk”. (Pai ou mãe até 25 anos).

“Como ela faz aula no meu trabalho, disponibilizamos uma mesa em uma sala separada para ela poder se concentrar e não se dispersar com o movimento no escritório”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

“Na mesa da sala ficam os materiais e o computador que arrumamos um pouco antes da aula”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

Como foi possível verificar as realidades são diferentes, mas os pais organizam o melhor ambiente para os estudos de seus filhos, modificando mesas, tirando objetos e acrescentando outros, percebe-se também a organização ao tentar deixar tudo próximo para facilitar o acesso da criança.

A questão número 14 diz respeito ao local onde são guardados os materiais escolares das crianças, a pergunta era aberta, ou seja, os pais poderiam escrever o que quisessem.

Muitas famílias, ao perceberem que as aulas virtuais iriam durar certo tempo, acabaram criando e adaptando espaços para guardar o material, outros já tinham espaços destinados a isso. É interessante perceber o quanto os pais modificam e mudam as coisas tendo em vista uma melhora para a aprendizagem



seu filho, pois durante a Pandemia muitos criaram locais diferentes para um melhor aproveitamento das aulas, conforme relatos abaixo:

“Na estante dos brinquedos, foi feito um espaço para as apostilas. O restante faz parte do dia a dia da criança, como tintas, lápis e folhas. E tem tudo em mão na hora da aula” . (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

“Na mesa que disponibilizamos para ela fazer as aulas”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

“Um espaço destinado na sala”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

Como é possível analisar, espaços e até utensílios foram criados e adaptados para guardar o material das aulas virtuais, pensando no bem-estar e aprendizado das crianças, além de possibilitar que participem com conforto e que consigam aprender de forma significativa.

As demais respostas dizem que utilizam ambientes próprios da casa para guardar os materiais como: quarto, cozinha e sala, como é possível verificar: “Na sala e no quarto”. (Pai ou mãe entre 25 e 35 anos), ou seja, compreende-se que muitas famílias destinaram lugares para guardar os materiais em locais que já tinham antes da Pandemia.

Após buscou-se conhecer um pouco sobre a aprendizagem e demais aspectos percebidos pelos pais em função das aulas virtuais, as crianças e professora, para isso foram destinadas as questões que procuram encontrar as respostas necessárias.

A questão número três solicitava que fosse assinalado como os pais perceberam as aulas virtuais, as respostas foram as seguintes: com 64,3% achavam necessárias para a continuidade das aprendizagens; já 21,4% considera exigentes para as famílias; por fim, 14,3% consideram cansativas para as crianças. Ainda existia a alternativa “produtivas e boas para novas aprendizagens”, mas ninguém marcou essa opção. Com isso, percebe-se que os pais compreendem a necessidade de as aulas continuarem, mesmo que de forma online, pois seus filhos precisavam continuar aprendendo, e na situação em que o mundo se encontrava essa era a única alternativa viável.

A questão número oito perguntava se os pais consideram que seu filho estava aprendendo da mesma forma do ensino presencial, as respostas foram as seguintes: 85,7% discordam da afirmação; 7,1% concordam plenamente; e 7,1%

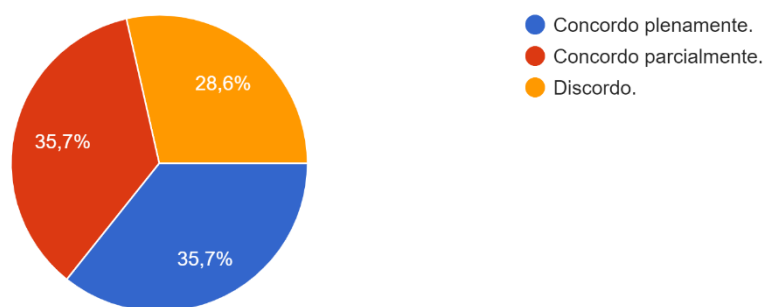
concorda parcialmente; ou seja, para a grande maioria dos pais seus filhos não estão aprendendo da mesma forma do ensino presencial.

Sobre a questão número nove, sobre a participação dos pais nas aulas junto com seus filhos: 57,1% diz que sim; 36,7% afirma que em parte; e, por fim, 7,1% diz que não participam. Com isso, percebe-se que grande maioria dos pais acompanham seus filhos durante as aulas.

A questão número 10 questionava os pais se eles consideravam que as aulas virtuais facilitavam a comunicação entre a professora e as crianças, o resultado foi o seguinte: 35,7% concordam plenamente com a afirmação; 35,7% concordam parcialmente; e 28,6% discordam da afirmação. Com as respostas, conclui-se que cada pai possui sua opinião a partir da sua realidade e das aulas sobre as aulas virtuais facilitarem a comunicação.

Figura 10- Sobre a comunicação entre família e escola

10 - Você considera que as aulas virtuais facilitam a comunicação entre a professora e as crianças?  
14 respostas



Fonte: elaborado pela autora a partir da plataforma Google Formulários.

A questão 16 questionava os pais sobre o interesse de seu filho referente às aulas virtuais. Foi possível analisar respostas referente ao sentimento de insegurança sobre o acesso à Internet e às aulas virtuais, pois por mais que a professora estivesse presente no momento, ainda assim isso ocorria por meio de uma tela e as crianças ficavam com receio de esclarecer dúvidas, como é possível acompanhar:

“Ele resmunga antes da aula começar, mas quando a aula começa ele fica todo envergonhado, mas faz todas as atividades. Aquilo que ele tem dúvida, normalmente ele pede pra mim, e não para a professora. (Pai ou mãe com até 25 anos).

Como observado acima, a criança acabava esclarecendo suas dúvidas com a mãe que estava ao seu lado, com isso compreende-se a falta do contato presencial com a professora, pois as telas podem gerar receio em falar ou em perguntar sobre o tema da aula-

Apenas um participante relatou que seu filho continuava interessado nas atividades, os demais responderam que seus filhos tinham pouco tempo de concentração e faltava interesse, conforme se observa abaixo:

“Até gosta, mas não consegue se concentrar o tempo todo”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

“Às vezes a criança demonstra pouco interesse, se dispersa na aula” . (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

Com isso, percebemos que as crianças gostam das aulas, mas pela pouca idade e distrações com o ambiente familiar, acabam se distraindo e perdendo a concentração nas aulas, além do desinteresse gerado pelas aulas serem virtuais e não ter contato direto com professores e colegas.

Também se buscou conhecer os sentimentos e percepções dos pais ao observar seus filhos diante das aulas virtuais e de forma geral, para isso destinou-se a questão seguinte, de número 11, a qual solicitava aos pais que escrevessem qual foi a maior dificuldade das aulas virtuais. Quase todas respostas informaram: manter a concentração da criança na aula, como é possível observar: “A criança prestar atenção nas aulas”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos); “Fazer com que a criança se concentre”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

Conforme já foi abordado, a criança, principalmente as da Educação Infantil, por terem pouca idade, mantém seu tempo de concentração durante apenas alguns minutos, depois disso acaba se distraindo. Durante as aulas virtuais, isso é ainda mais complicado, pois dentro de casa as distrações são maiores, conseguir manter a atenção de uma criança na frente da tela não é uma tarefa fácil.

Outra questão que foi destacada se referiu à rotina da criança, sabe-se que manter uma rotina não é fácil, mas em época de Pandemia acabou sendo ainda mais difícil, pois a família passava o dia todo em casa em meio a aulas, trabalho e

preocupações, dessa forma criar hábitos de horários e rotina acabou sendo complicado, mas as crianças pequenas precisam disso:

“No caso da Educação Infantil, está em manter rotina, pai e mãe trabalham, não tem quem os acompanhem com rotina como escola”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

A última fala relacionada às dificuldades diz respeito à falta de confiança das crianças em meio às aulas virtuais. Como já mencionado, eles não tinham as professoras ao seu lado e nem os colegas para dialogar e ajudar na descoberta de novas aprendizagens, isso pode ter gerado certo medo e incertezas, por isso os pais tinham de estar junto, auxiliando e incentivando os pequenos na realização das atividades, como evidencia a narrativa a seguir: “Fazer com que meu filho acredite no seu potencial. Tudo o que ele faz, mesmo aquilo que ele acertou, precisa que eu olhe e diga “está certo”, porque tudo ele acha que fez errado”. (Pai ou mãe até 25 anos).

A próxima questão, de número 12, solicitava aos pais quais os pontos positivos das aulas virtuais, as respostas em grande quantidade afirmavam que viam como pontos positivos a aproximação entre a criança e, também, que permitia e também o acesso à tecnologia. Durante as aulas virtuais o isolamento estava acontecendo, por isso as crianças tinham contato apenas com seus familiares, ter as aulas virtuais e poder aproximar professores e alunos acabava alegrando e tornando melhores os dias, além de matar a saudade de pessoas queridas. Como é possível ver:

“Somente o contato com professores e colegas” . (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

“Tentar diminuir a defasagem na educação, bem como, aproximar os estudantes da escola novamente” . (Pai ou mãe até 25 anos).

“Manter o vínculo com a professora e os colegas” . (Pai ou mãe entre 25 e 35 anos).

A tecnologia também foi essencial nesta fase, afinal, sem ela nada poderia ter acontecido, mas ela foi vista de uma nova forma, pois antes as crianças a conheciam apenas através de jogos e aplicativos, agora compreendem que ela pode ser essencial para a educação e serve também para a comunicação:

“Familiarização com as tecnologias e a permanência do contato com a professor”. (Pai ou mãe entre 25 e 35 anos).

“O acesso a aprendizagem através dos meios tecnológicos” (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

“Autonomia das crianças com a parte da informática”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

Por fim, obtiveram-se respostas de pais que não viram nenhum lado positivo com as aulas virtuais, talvez pela dificuldade encontrada ao se deparar com as escolas fechadas e as repentinas mudanças na rotina de toda família.

A questão número 15 solicitava aos pais que contassem seu sentimento referente às aulas virtuais. Obtiveram-se respostas de pais que perceberam algo positivo e construtivo nas aulas virtuais:

“O meu sentimento como mãe, é de gratidão pelas professoras e de esperança pela aprendizagem dos estudantes. Já o sentimento do meu filho, é de saudades dos colegas, dos professores, da escola, da rotina...” (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

“A criança não esquecer sua rotina de escola, afastar do professor, e matar a saudade dos colegas. Em relação ao aprendizado fica a desejar se não for feito um reforço diário, principalmente na Questão de alfabetização”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

Percebe-se que, apesar de encontrarem dificuldades nas aulas virtuais, esses pais compreenderam que elas são importantes para manter o laço entre professor, aluno e escola, além de auxiliar na aprendizagem e compreenderam o esforço e o trabalho diário do professor.

Também se obtiveram respostas de pais que perceberam as dificuldades das aulas virtuais e esse foi seu principal sentimento em relação a elas: “Tristeza, pois tenho certo preconceito com o excesso de Internet, celular, computador...” (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos); “Angustia, dificuldades e apreensão”. (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

Compreende-se então o receio que os pais sentiam em relação às aulas virtuais, um pouco como foi possível analisar em função delas ocorrerem por meio da tecnologia, por muitos não terem conhecimento do meio acabou gerando dificuldades, mas também a angústia em perceber as dificuldades de seu filho na frente da tela e, por vezes, por não conseguir ajudar, gerando os sentimentos observados acima.

As duas últimas questões questionavam aos pais sua opinião ao participar da pesquisa e se tinham mais alguma coisa para dizer, que não foi abordado no questionário:

“Bom ter alguém pra quem desabafar” . (Pai ou mãe entre 35 e 45 anos).

“De certa forma, sinto que desabafei kkk” . (Pai ou mãe com até 25 anos).

É possível verificar o cansaço dos pais que acabam se sobrecarregando com aulas, trabalho e casa e se sentem bem ao poder contar sua experiência, gerando uma forma de desabafo ao poder relatar sua realidade. É importante que surjam essas oportunidades, pois só dessa forma consegue-se conhecer um pouco da realidade de cada um.

Por fim a questão 17, questionava se os pais gostariam de fazer mais alguma colocação, destaca-se uma resposta: “Gostaria de enfatizar a importância do esforço da escola e também da família para que apesar dos empecilhos, a educação siga presente no dia a dia” . (Pai ou mãe entre 25 e 35 anos).

Com isso, a educação mesmo diante da Pandemia e aulas virtuais, precisa continuar e ser de qualidade e, para que isso aconteça, a escola e a família devem contribuir e fazer sua parte, auxiliando o estudante no que for necessário, pois somente com isso ela pode funcionar. Como podemos verificar, segundo Costin et al (2020):

A partir do que aprendemos em tempos de COVID-19, poderemos avançar, com apoio de tecnologia e de achados científicos, no desenvolvimento não só de competências básicas, mas também das competências do século 21 nos alunos e mestres, para nos assegurar que o país possa promover um desenvolvimento mais inclusivo. (COSTIN et al, 2020, p.10)

Entende-se que, durante a Pandemia, aprendemos muito referente às tecnologias, a cuidar do outro. Devemos levar esses aprendizados para sempre, buscando uma melhora na qualidade da educação e até mesmo de vida, tornando nosso mundo um lugar melhor.

## 6 O PONTO DE CHEGADA: CONCLUSÕES

Diante da pandemia da Covid-19, as escolas ficaram fechadas por algum tempo, tornando as aulas virtuais algo comum do cotidiano das famílias e da escola. O objetivo da pesquisa era responder a seguinte pergunta: “Como a Pandemia da Covid-19 modificou o cotidiano da docência nas escolas de Educação Infantil?”. A partir do desenvolvimento desse estudo, foi possível conhecer um pouco dessa nova realidade. Inicialmente, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, após a metodologia escolhida, foram criados dois questionários: um direcionado aos pais de crianças matriculadas na Educação Infantil e outro para professores da área, eles foram elaborados no *Google Forms* e compartilhados via *WhatsApp* e *Facebook*.

A pesquisa possibilitou compreender a importância dos meios tecnológicos, pois é algo que faz parte do cotidiano há muito tempo, mas durante a Pandemia da Covid-19 esse recurso foi fundamental, afinal, as aulas e demais atividades conseguiram ter continuidade por causa dos recursos tecnológicos e empenho dos professores em cooperação com as famílias. Percebemos que eles vão muito além de entretenimento, eles são a base da atual comunicação e vêm a contribuir com informação, interação e comunicação, além de facilitar atividades desenvolvidas no dia a dia, conforme expressa Machado:

O imprevisto de uma pandemia, não está, ainda à altura do avanço da tecnologia e das descobertas humanas. Há que enfrentá-la com as “ferramentas” disponíveis e ainda, onde elas existirem, pois são exíguas, em precisão e quantidade disponível para todos. (MACHADO, 2020, p. 22)

Foi possível observar que tanto os pais das crianças matriculadas na Educação Infantil quanto as professoras perceberam a importância da tecnologia durante esse período e relataram a importância de saber utilizar esses meios, pois é algo que veio para ficar. Desta forma, tanto professores quanto alunos ao utilizarem as tecnologias, acabam conhecendo e se aprimorando.

Ao se depararem com uma janela virtual ao invés da sala de aula foram feitas algumas mudanças nas aulas, elas deixaram de ocorrer por meio da sala de aula física e passaram a acontecer através de uma janela virtual, onde com horário marcado todos acessavam o link gerado e se conectavam na aula, elas não

possibilitavam o contato presencial, mas facilitavam a comunicação e geravam conversas que aproximavam as crianças e sua professora.

A presença e participação dos pais durante as aulas possibilitou que os mesmos conhecessem a realidade das aulas e os tornou novos membros das aulas, afinal eles precisavam auxiliar as crianças durante as aulas, isso aproximou os pais da escola, como observa-se segundo Machado:

Com a pandemia, percebo que a relação da família com a escola se estreitou. Pais foram convocados a participar ativamente – ainda que nem sempre de forma entusiasta – da vida escolar do seu filho, auxiliando nas tarefas, compartilhando o espaço na mesa ou no escritório, dividindo o celular, o tablet, o computador. A necessidade (re)cria laços. (MACHADO, 2020, p.70)

Com isso, foi possível conhecer um pouco da organização familiar para a realização das aulas virtuais, por exemplo, ao perceber que cada família utilizava um cômodo da casa para a realização das aulas, onde muitos tiveram de providenciar mesas e locais adequados para esses acontecimentos.

Também foi identificou-se que a mochila escolar deu espaço para estantes, escrivaninhas e armários, pois os materiais para as aulas passaram a se encontrar nestes locais.

Compreendeu-se a necessidade da continuidade das aulas através das salas virtuais, mas alguns pais relatam que perceberam que seus filhos não aprendem da mesma forma do ensino presencial, apesar do meio facilitar a comunicação.

Referente aos desafios, percebeu-se a falta de concentração, afinal as crianças da Educação Infantil possuem um baixo tempo de concentração, durante as aulas virtuais isso acabou sendo mais complicado, pois para a criança ficar na frente de uma tela durante muito tempo, acaba sendo cansativo. Como ponto positivo, destacam-se a continuidade das aulas e do contato virtual e também o conhecimento referente às tecnologias.

Para os professores percebeu-se uma difícil missão ao organizar as aulas virtuais, pois tiveram que buscar novos meios, novos materiais para a realização das aulas virtuais. Apesar disso, percebeu-se que eles não conseguem através das aulas virtuais dar a assistência que gostariam para as crianças, pois a tela do computador não substitui o contato presencial.

Foi analisado que as crianças possuem um menor interesse nas aulas virtuais, pois fatores dentro de sua casa acabam tomando sua atenção como:



brinquedos, as demais pessoas que habitam a casa, além de relatos onde os pais acabam realizando a atividade pela criança, dificultando dessa forma seu aprendizado. Apesar de inúmeros fatores, as professoras relataram que só de escutar a voz ou ver seus alunos já valia a pena o acesso das aulas.

Destaca-se a importância da formação inicial e continuada dos professores referentes às tecnologias e interações online, pois foi através delas que os professores, apesar das dificuldades encontradas, conseguiram dar continuidade ao ensino, também da afetividade com as crianças e famílias. Esse fato permitiu que os professores entrassem na casa das crianças ainda que pelo computador e diminuísse a saudade da escola e dos colegas e, também, não esquecendo da resiliência, se adaptando a inúmeras mudanças repentinas e criando aulas que despertassem o interesse de seus alunos.

É o professor que ensina e orienta a todos, sem ele, provavelmente, os direitos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças poderiam estar comprometidos. Foi unânime entre as professoras participantes da pesquisa o senso de amor pela profissão o que as faz sentirem-se como profissionais integrais, que exercitam a empatia e a compreensão das necessidades do outro.

É fundamental que o professor sempre se atualize, mesmo depois de sua formação inicial, afinal o conhecimento nunca é algo limitado. Durante a Pandemia os professores conseguiram manter as aulas através das telas do computador, no conforto e segurança da casa de cada criança. Sua importância foi reconhecida e destacada, pois foi através dele que as aulas e aprendizagens puderam ter continuidade. As professoras mencionam que não foi uma tarefa fácil, pois precisaram construir novas formas para ministrarem suas aulas, diante das novas realidades, exigindo o acesso a novos materiais. Além disso, é importante mencionar a ausência de um horário fixo de trabalho, alguns inclusive com carga superior ao contrato. As professoras da Educação Infantil, embora nem sempre tenham obtido a valorização necessária ao trabalho desempenhado, mantiveram-se na luta pela garantia possível dos direitos de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças.

Nesse contexto, compreende-se o professor como agente de destaque na composição da sociedade e que merece ser valorizado, pois seu trabalho é responsável pela formação de novas gerações, visando o bem comum.

Através da pesquisa de campo, foi possível perceber que todos os pais que responderam ao questionário têm acesso às aulas virtuais e puderam mediar os processos de aprendizagem de seus filhos. De acordo com Vygotsky: “Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 2002, p. 26). E isso foi possível de ser observado, pois as famílias atuam como membros que intervêm em uma relação, no caso das aulas virtuais, a mediação ocorreu com os apoios ao acesso da criança ao contato com as professoras. Mas, o acesso não existe para todas as crianças, pois muitos não têm condições, sejam elas por conta de aparelhos, internet ou qualquer outro motivo, muitas crianças não tiveram acesso às aulas virtuais por falta de condições necessárias.

As crianças e as famílias são tratadas da mesma forma, ou seja, são construídas as aulas e enviadas para todos, mas não se pode esquecer que o Brasil tem uma grande diferença de condições sociais, tornando o que é fácil acesso para alguns, para outros é impossível. Segundo Machado (2020):

Um dos desafios é incluir todos os alunos para aprender pelas diferentes formas de EAD, pois no Brasil e em outros países há crianças e adolescentes que vivem na pobreza e estão em situação vulnerável. É preciso propiciar serviços educacionais de emergência até que as escolas possam reabrir com segurança. (MACHADO, 2020, p. 32)

A necessidade da empatia e de auxiliar quem precisa é algo fundamental para o momento, pois permite assim que as crianças tenham acesso e possam realizar as aulas, lembrando que nem todas as crianças tiveram acesso às aulas virtuais.

Na finalização desta pesquisa de TCC, algumas escolas permaneceram na modalidade das aulas virtuais, outras retornaram com o ensino presencial, com todos os cuidados necessários como, por exemplo, uso de máscara, álcool em gel, higienização e ventilação de salas, distanciamento social, entre muitos outros.

As crianças se adaptam bem às exigências necessárias, seguem todas de maneira orientada e ficaram contentes ao retornar para a escola e rever a professora e os colegas, percebe-se que a aprendizagem ocorre de forma mais fácil e significativa, pois a professora auxilia no que é necessário, além de existir a troca entre as crianças, que é algo que contribui para sua formação.

O maior desafio é a volta para a rotina, se adaptar aos novos horários da escola é uma tarefa que exige algum tempo, afinal as crianças vêm de uma outra realidade, logo se deparam com uma nova e com regras, de início é confuso para elas, mas, com o passar dos dias elas se acostumam, se adaptam e seguem normalmente.

Diante da trajetória até aqui percorrida, através da pesquisa, percebi o quanto gratificante é ser professor e o quanto essa profissão pode mudar o mundo, também destaco o professor com resiliência, que se adapta às situações que emergem e busca sempre a melhor solução para todos. Após a pesquisa, vejo a docência com outros olhos, de maior admiração e respeito por profissionais que não medem esforços para ensinar e aprender com seus alunos.

Percebo as contribuições agregadas para minha formação como pedagoga, como compreender a perspectiva das famílias e suas diversas realidades, além de conhecer o trabalho do professor, que enfrenta diferentes momentos durante sua carreira, tornando-se fundamental para a sociedade.

Além disso, percebo a ampliação das minhas compreensões sobre o meu campo de atuação, do aprendizado de minhas competências docentes e do aprimoramento dos meus processos de comunicação, tanto na linguagem científica através da elaboração dos textos, como em todo o processo de construção do projeto, do trabalho de campo, organização dos dados, revisão da literatura, sistematização dos resultados, interpretação das vozes das professoras e dos familiares, em diálogo com a teoria.

## 7 REFERÊNCIAS

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) acesso em 02 de maio de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) acesso em 07 de abril de 2021.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB – Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?Option=com\\_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?Option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes), acesso em 24 de março de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sobre a doença: coronavírus. Coronavírus. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-adoenca#:~:text=Os%20coronav%C3%a3rus%20s%C3%a3o%20uma%20grande%20dcov%20e%20SARS%20dcov>. Acesso em 25 de março de 2021.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2006. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4709160/mod\\_resource/content/7/Canario\\_e\\_scola\\_crise%20ou%20mutacao.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4709160/mod_resource/content/7/Canario_e_scola_crise%20ou%20mutacao.pdf) acesso em 06 de junho de 2021.

COSTIN, Claudia, [et. Al]. **A escola na pandemia: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus**. 1 ed. Porto Alegre: Editora do Autor, 2020. Disponível em <http://www.unisinos.br/institutoinovacao/wp-content/uploads/2020/09/ebook-a-escola-na-pandemia-com.pdf> acesso em 04 de abril de 2021.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação.** [S. L.] Revista Mosaico, 2015. (v. 8, n. 2, p. 173-182). Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/4424/2546>. Acesso em: 11 de abril de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **O pedagogo em espaços não escolares: novos desafios.** Ciência. Porto Alegre: n. 36, 2004.

GIURIATTI, Patrícia. **Direitos de aprendizagem e de desenvolvimento:** Contextos educativos para as infâncias no Século XXI. 2018. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Nilda Stecanela. Disponível em <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4589/Dissertacao%20Patricia%20Giuriatti.pdf?Sequence=1&isallowed=y> acesso em 20 de abril de 2021.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** São Paulo. ERA – Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/era/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 11 de abril de 2021.

MACIEL, Rochele Rita Andreazza. **Itinerários no processo de educar na infância:** diálogos entre pedagogias. Tese (Doutorado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019. Disponível em <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5139> acesso em 18 de abril de 2021.

MACHADO, Dinara Pereira. **Educação em tempos de Covid-19: reflexões e narrativas de pais e professores**. 1. Ed. Curitiba: Editora Dialética e Realidade, 2020.

MEDIAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em <https://www.dicio.com.br/mediacao/#:~:text=Significado%20de%20Media%C3%A7%C3%A3o,ou%20grupo%20de%20pessoas%3B%20interven%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 04 de abril de 2021.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico** 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

PAIVA, Bruna. **Novas coreografias sociais pós quarentena: a sociedade (e a escola) reinventada?**. 2020. Disponível em <https://brunaepaiva.medium.com/novas-coreografias-sociais-p%C3%B3s-quarentena-a-sociedade-e-a-escola-reinventada-1a8063c7b1ac> acesso em 04 de abril de 2021.

RIBEIRO, Ana Sofia. **Em fase janela: dilemas sobre o trabalho de campo à distância**. Life Research Group Blog, ICS-Lisboa, 2020. Disponível em <https://liferesearchgroup.wordpress.com/2020/04/02> acesso em 06 de junho de 2021.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos com eles**. Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papyrus, 2008, pp. 73-93. Disponível em: [https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/26/3/D04\\_Dimensao\\_%c3%89tica%20da%20Aula.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/26/3/D04_Dimensao_%c3%89tica%20da%20Aula.pdf) acesso em 06 de junho de 2021.

ROCHA, Débora Brondani da; ROYER, Hilário (org). **Educação infantil: uma visão multidisciplinar**. Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, ESGC Publicações 2020.

## 8 APÊNDICES

### 8.1 APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS FAMILIARES

Projeto de Pesquisa de TCC: O cotidiano da docência na educação infantil na pandemia da covid-19: reflexões a partir de múltiplas vozes

Olá, me chamo Amanda Mussatto Tochetto, sou acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul, estou realizando uma pesquisa referente ao cotidiano da educação infantil no contexto da Pandemia da Covid-19.

Esta pesquisa é direcionada aos pais, que possuem seus filhos matriculados em escolas de Educação Infantil. Solicito sua colaboração para responder o questionário abaixo, o qual contribuirá muito para minha pesquisa.

Destaco que o anonimato está preservado, por isso, pode se sentir à vontade para responder espontaneamente.

Obrigada pela participação.

Amanda Mussatto Tochetto -Acadêmica do Curso de Pedagogia

Profa. Dra. Nilda Stecanela – Orientadora

Universidade de Caxias do Sul

#### **P1 - Qual a sua idade:**

- a. Até 25 anos.
- b. Entre 25 e 35 anos.
- c. Entre 35 e 45 anos.
- d. Acima de 50 anos.

#### **P2 – A escola de seu/sua filho(a) pertence a qual rede de ensino?**

- a. Particular.
- b. Pública.

#### **P3- Com a Pandemia da Covid-19 as aulas da Educação Infantil foram suspensas. Como você percebe as aulas virtuais?**

- a. Necessárias para a continuidade das aprendizagens.
- b. Um pouco cansativas para as crianças.
- c. Produtivas e boas para novas aprendizagens.

( ) d. Exigentes para as famílias.

( ) e. Outro. Qual?

\_\_\_\_\_.

**P4-Qual o equipamento que seu filho utiliza para assistir as aulas?**

( ) a. Notebook.

( ) b. Desktop

( ) c. Telefone celular.

( ) d. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**P5-Qual o cômodo da casa é utilizado para assistir as aulas virtuais?**

( ) a. Quarto.

( ) b. Sala.

( ) c. Cozinha.

( ) d. Escritório.

( ) e. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**P6- Em qual turno do dia acontecem as aulas?**

( ) a. Manhã.

( ) b. Tarde.

( ) c. Vespertino.

( ) d. Noite.

**P7 - Com que frequência seu filho participa das aulas?**

( ) a. Todos os dias.

( ) b. Duas vezes por semana.

( ) c. Três vezes por semana.

( ) d. Quatro vezes por semana.

( ) e. Outro. Qual? \_\_\_\_\_



**P8- Você considera que seu filho está aprendendo da mesma forma do ensino presencial?**

a. Concordo plenamente.

b. Concordo parcialmente.

c. Discordo.

( ) d. Outro. Qual?

---

**P9- Você participa das aulas virtuais junto com seu filho?**

a. Sim.

b. Não.

c. Em parte.

**P10 - Você considera que as aulas virtuais facilitam a comunicação entre a professora e as crianças?**

a. Concordo plenamente.

b. Concordo parcialmente.

c. Discordo.

**P11- Para você, qual a maior dificuldade das aulas virtuais?**

**P12- Em sua opinião, qual o ponto positivo das aulas virtuais?**

**P13- Nos conte um pouco sobre como é organização do ambiente de estudos de seu(sua) filho(a) dentro de casa.**

**P14- Em qual lugar da casa os materiais escolares são guardados?**

**P15- Qual o seu sentimento referente às aulas virtuais?**

**P16- Qual a sua percepção sobre o interesse do(a) seu(sua) filho(a) em relação às aulas virtuais?**

**P17- Você poderia expressar qual sua opinião em participar desta pesquisa?**

**P18- Há algo mais que você gostaria de expressar e que não foi mencionado neste questionário?**

Muito obrigado.

## 8.2 APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO ÀS PROFESSORAS

Projeto de Pesquisa de TCC: O cotidiano da docência na educação infantil na pandemia da covid-19: reflexões a partir de múltiplas vozes

Olá, me chamo Amanda Mussatto Tochetto, sou acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul, estou realizando uma pesquisa referente ao cotidiano da educação infantil no contexto da Pandemia da Covid-19.

Esta pesquisa é direcionada às professoras que atuam em escolas de Educação Infantil. Solicito sua colaboração para responder o questionário abaixo, o qual contribuirá muito para minha pesquisa.

Destaco que o anonimato está preservado, por isso, pode se sentir à vontade para responder espontaneamente.

Obrigada pela participação.

Amanda Mussatto Tochetto - Acadêmica do Curso de Pedagogia  
Profa. Dra. Nilda Stecanela – Orientadora - Universidade de Caxias do Sul

### **P1- Qual a sua idade:**

- a. Até 25 anos.
- b. Entre 25 e 35 anos.
- c. Entre 35 e 45 anos.
- d. Acima de 50 anos.

### **P2- Em qual rede de ensino você atua como professor?**

- a. Pública.
- b. Privada.

### **P3- No ano de 2020 e no começo de 2021, as aulas na Educação Infantil foram suspensas. Em relação à sua carga horária de trabalho, suas horas durante o ensino virtual foram:**

- a. Inferiores ao que consta no seu contrato de trabalho.
- b. Superiores ao que consta no seu contrato de trabalho.
- c. Não houve alteração.
- d. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**P4- De qual lugar você ministra as aulas virtuais?**

- a. Na minha casa.
- b. Na escola.
- c. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**P5- Qual o equipamento que você utiliza para ministrar as aulas:**

- a. Meu notebook
- b. Meu telefone celular.
- c. O computador da escola.
- d. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**P6- Você precisou que fazer alguma alteração no plano de dados e/ou velocidade da Internet para desenvolver as aulas virtuais?**

- a. Sim.
- b. Não.
- c. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**P7- Se você ministra as aulas no espaço de sua residência, qual o cômodo da casa é utilizado para isso?**

- a. Quarto.
- b. Sala.
- c. Cozinha.
- d. Escritório.
- e. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**P8- Em qual turno do dia você ministra as aulas?**

- a. Manhã.
- b. Tarde.
- c. Vespertino.
- d. Noite.

**P9- Quantas vezes por semana você ministra aulas para sua turma?**

- a. Todos os dias.

- b. Duas vezes por semana.
- c. Três vezes por semana.
- d. Quatro vezes por semana.

**P10- Você consegue dar a assistência que gostaria para seus alunos?**

- a. Sim
- b. Não
- c. Em parte

**P11- Justifique sua resposta:** \_\_\_\_\_

**P12- Você considera que tem todas as condições para ministrar as aulas virtuais como, por exemplo, materiais didáticos, apoio pedagógico, equipamentos e espaço físico adequados?**

- a. Sim.
- b. Não.
- c. Em parte.

**P13- Justifique sua resposta:** \_\_\_\_\_

**P14- Na sua experiência com aulas virtuais, quais são as maiores dificuldades e/ou desafios que você encontra para despertar e/ou manter o interesse das crianças?**

**P15- Na sua experiência com aulas virtuais, quais as maiores descobertas, aprendizagens, adaptações ou criatividade que você conquistou/construiu?**

**P16- Como você percebe o interesse dos alunos em relação às aulas virtuais?**

- a. Inferior às aulas presenciais.
- b. Superior às aulas presenciais.
- c. Igual às aulas presenciais.
- d. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**P17- Como você percebe a aprendizagem das crianças em relação às aulas virtuais?**

( ) a. Inferior às aulas presenciais.

( ) b. Superior às aulas presenciais.

( ) c. Igual às aulas presenciais.

( ) d. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**P18- Aulas virtuais com crianças da Educação Infantil necessitam de mediadores para ligar o equipamento, conectar com a aula no horário combinado, manter a criança atenta, entre outros. Você poderia relatar quais são os seus sentimentos em relação a essa grande transformação pela qual passou a educação, especialmente na Educação Infantil?**

**P19- Qual a sua opinião sobre a experiência de participar desta pesquisa?**

**P20- Há algo mais que você gostaria de expressar e que não foi mencionado neste questionário?**

Muito obrigado.